

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS



UNICAMP

U	BC
P	
V	
CD	38091
DD	229/99
C	☒
PREC	R\$ 11,00
DT	20/07/99
HT	

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

CM-00125516-7

R354r

Ribeiro, Odeney de Souza

Região e conciliação / Odeney de Souza Ribeiro. --
Campinas, SP : [s.n.], 1999.

Orientador : Élide Rugai Bastos.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Regionalismo. 2. Tradição (Filosofia) 3. Modernismo.
4. Nacionalização. I. Bastos, Élide Rugai. II. Universidade
Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências
Ciências Humanas. III. Título.

ODENEI DE SOUZA RIBEIRO

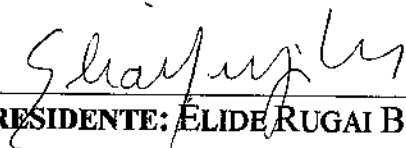
Região e Conciliação

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Departamento de Sociologia do
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Estadual de
Campinas, sob a orientação da Prof.
Dra. Élide Rugai Bastos.

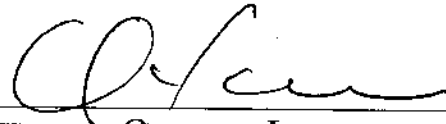
Este exemplar corresponde a
redação final da dissertação
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em:

____/____/____.

Profª Drª:


PRESIDENTE: ELIDE RUGAI BASTOS

Prof. Dr.:


MEMBRO: OCTAVIO IANNI

Prof. Dr.:


MEMBRO: RENATO JOSÉ PINTO ORTIZ

Prof. Dr.:


SUPLENTE: RUBENS MURILO LEÃO REGO

Fevereiro – 1999

9913810

Em memória de Sadarc
Ribeiro e Maria Mirta
Ribeiro, meus pais.

AGRADECIMENTOS

Quero aqui agradecer a CAPE'S por ter me dado a possibilidade de estudar e realizar esse trabalho. A professora Élide Rugai Bastos que com seus comentários críticos me orientou não só a interpretar os textos, mas ajudou-me a compreendê-los como uma dimensão de nossas vidas; a Professora Marilene Corrêa Silva, amiga e mestra, responsável por grande parte da minha formação; o professor Renan Freitas Pinto, que muito me auxiliou com a bibliografia regional; a Lenize Prestes, que com paciência, amor e carinho suportou-me com uma tolerância que só um grande espírito possui; a minhas irmãs Riso e Keka que com muito amor ajudaram-me a suportar os imponderáveis da vida; aos amigos Neto, Marcelo, Eldo, Gerson, Max (Caracol), Ricardo que acompanharam o processo de minha formação.

RESUMO

O regionalismo instaura um diálogo entre Gilberto Freyre e Leandro Tocantins, indicando que através de tal perspectiva os autores citados assumem a tarefa de realizar uma conciliação entre os setores tradicionais e novas forças sociais emergentes no país e em suas respectivas regiões. O modo de operar essa conciliação é retomar o passado e os valores tradicionais como fundamentos de uma autenticidade da cultura e da vida nos trópicos. As transformações, nesse caso, devem se ajustar a nossas formas tradicionais de equilibrar os contrários em uma harmonia cultural.

ABSTRACT

Through REGIONALISM Gilberto Freyre and Leandro Tocantins, in their own regions of origin, assume the challenge of conciliating the traditional sectors and the emerging social forces of the country. This conciliation takes form, in the authors analysis, by taking back the past and the traditional values as the basis of both, cultural identity and life in the tropics. Changes, in such a view, must adjust to the traditional ways of balancing contradiction in order to get cultural harmony.

Sumário

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I.....	12
EM TORNO DE UM TEMA COMUM.....	12
1. <i>Ecletismo e Trópico</i>	17
2. <i>Raça e Cultura</i>	21
3. <i>O Método Genético-ecológico</i>	26
4. <i>O Lusotropicalismo e o Regionalismo</i>	34
CAPÍTULO II.....	41
O TRÓPICO AMAZÔNICO.....	41
1. <i>Memórias, Impressões e Empatia</i>	42
2. <i>Espaço Ecológico e Vida Social</i>	47
3. <i>Amazonotropologia</i>	53
4. <i>Regionalismo Amazônico</i>	60
CAPÍTULO III.....	67
TRADIÇÃO E CONCILIAÇÃO.....	67
1. <i>Tradicionalismo e o Modernismo</i>	68
2. <i>Regionalismo e Conciliação</i>	77
3. <i>Persistência da Tradição</i>	84
CAPÍTULO IV	91
AMAZÔNIA: INTEGRAÇÃO E CONCILIAÇÃO	91
1. <i>Natureza, Cultura e Tradição</i>	92
2. <i>Valorização da Amazônia e Conciliação</i>	106
3. <i>Planejamento Regional e Conciliação</i>	111
4. <i>Da SPVEA a Zona Franca</i>	116
CONCLUSÃO	120
BIBLIOGRAFIA.....	123

INTRODUÇÃO

Esse trabalho nasceu das formalidades necessárias para se obter o título de mestre na Universidade Estadual de Campinas. No entanto no decorrer das leituras e das orientações, a professora Élide Rugai Bastos, com inteligência e sensibilidade me despertou para a paixão que requer uma dissertação. A superação dos meus preconceitos, com relação ao tema, foram obras de sua argúcia e de sua capacidade de sugerir que um estudo sobre o Brasil ou qualquer outro tema é um momento de descolonização do pensamento que se organiza segundo uma tradição além mar; pensar em nossa constituição histórico-social é utilizar essa tradição como um instrumento para ir além de sua reprodução.

O Brasil visto como uma Nação inacabada é um tema movediço, daí porque oscilamos entre o rigor exigido pelos imperativos científicos e a paixão política de vivermos o inusitado. Diante dessa tensão é que a paisagem dessa dissertação foi tomando forma. No seu interior a escrita foi compelida a assumir um caráter acadêmico, porém em suas margens mil idéias sobrevivem sem poder se objetivar em atos da escrita exigidos pela convenção e pela tradição universitária.

O regionalismo constitui um importante momento na história do pensamento e da vida política brasileira; através deste movimento Gilberto Freyre projetou-se no cenário nacional e internacional como uma das mais

brilhantes inteligências brasileiras. O movimento regionalista, tradicionalista e, a seu modo, modernista orientou não só a reflexão de um grupo de intelectuais do Nordeste, sua força atravessou todo país, suscitando debates sobre a vida regional e a tradição fora do eixo nordestino. Na Região Norte Leandro Tocantins e Arthur Cezar Ferreira Reis são expressões da força adquirida pelas idéias regionalistas e tradicionalistas do Recife, suas obras estão imbuídas não só do espírito regionalista, mas também se desenvolvem à sombra do método genético-ecológico base da luso-tropicologia.

Montado este cenário, podemos vislumbrar em linhas gerais os objetivos e o interesse desse trabalho. O regionalismo instaura um diálogo entre Gilberto Freyre e Leandro Tocantins, indicando que através de tal perspectiva os autores citados assumem a tarefa de realizar uma conciliação entre os setores tradicionais e novas forças sociais emergentes no país e em suas respectivas regiões. O modo de operar essa conciliação é retomar o passado e os valores tradicionais como fundamentos de uma autenticidade da cultura e da vida nos trópicos. As transformações, nesse caso, devem se ajustar a nossas formas tradicionais de equilibrar os contrários em uma harmonia cultural. Todo progresso só será considerado possível se nos mantivermos colados aos valores tradicionais, isso porque os valores importados dos Estados Unidos e da Europa uniformizam e estandardizam a profusão de cores que caracterizam nossa cultura, destruindo, assim, o sentido conciliador e contemporizador que existe em nossa tradição. O resultado dessa modernização sem critério é um desequilíbrio sócio-político e cultural entre as

regiões.

A valorização da tradição regional é um meio encontrado por Gilberto Freyre para restaurar o equilíbrio sócio-político e cultural entre as regiões brasileiras, dessa forma a experiência histórica de lusos, ameríndios e africanos, em solo tropical, se preservaria frente à uniformização e estandardização dos valores estrangeiros. O problema reside, segundo Freyre, em incorporarmos as experiências e os valores norte-americanos e europeus como um modelo e não como uma contribuição que deveria agregar-se às múltiplas expressões de nossa vida cultural híbrida. A principal característica de nossa civilização é justamente esse caráter híbrido no qual as múltiplas expressões raciais e culturais se conciliam em um equilíbrio harmonioso. Daí por que é inspirado nos princípios científicos, da antropologia, da história, da sociologia e da ecologia, que Gilberto Freyre procura legitimar sua proposta política. Esse aspecto da obra Freyriana não poderia passar incólume sob nossos olhos, de tal modo que partimos da seguinte hipótese: os instrumentos analíticos Freyrianos trazem em si um caráter político conciliador à medida que sua obra é um marco para a unidade política entre os blocos agrário e industrial. Se a obra de Freyre expressa uma necessidade de conciliação entre os setores agrários tradicionais e os urbanos-industriais no plano nacional, a obra de Leandro Tocantins expressa uma conciliação, entre os setores extrativistas tradicionais e os setores econômicos que emergem dos planos de valorização da Amazônia, na Região Norte. Cabe aqui recompormos os itinerários da conciliação na obra de Leandro Tocantins.

A noção de conciliação é uma chave oportuna para se empreender uma leitura conjunta da obra de Gilberto Freyre e de Leandro Tocantins, não quero com isso invalidar outras possíveis formas de leitura desses autores, pois elas, também, podem revelar dimensões inusitadas das obras de Gilberto Freyre e Leandro Tocantins. Optamos por essa chave à medida que ela serve aos interesses desse trabalho.

No Primeiro Capítulo expus as diretrizes metodológicas que orientam o pensamento de Gilberto Freyre sobre os trópicos. Procurei demonstrar que por trás da pretensão científica do regionalismo, do método genético-ecológico e da luso-tropicologia reside um interesse político de conciliar o tradicional e o moderno, as forças agrárias e as urbano-industriais emergentes nas décadas de 20 e 30.

No Segundo Capítulo procuro demonstrar como Leandro Tocantins se ancora no regionalismo, no método genético-ecológico e na luso-tropicologia para dar conta da formação histórico-social da Região Norte, chegando a propor uma amazontropicologia, ciência que daria conta das condições sócio-ecológicas da formação cultural da Região Norte. Enfim, trata-se de saber de que maneira Leandro Tocantins se apropria das idéias de Freyre para explicar a experiência lusa no extremo Norte.

No Terceiro Capítulo procuro demonstrar que as recorrências que Gilberto Freyre faz continuamente aos valores tradicionais, ao longo de suas obras, constitui no plano da conciliação um modo de equilibrar a vida

nacional, que se transforma face as mudanças políticas, econômicas e culturais nas décadas de 20 e 30. As transformações se processam sem rupturas, já que o passado ou tradição se atualiza continuamente por meio do equilíbrio resultante da conciliação entre o tradicional e o moderno, entre o agrário e o industrial. Nessa perspectiva é que Gilberto Freyre acredita que ao se projetar para o futuro o passado se atualiza através do presente.

Finalmente, no Quarto Capítulo, apontamos como a obra de Leandro Tocantins expressa os termos de conciliação entre o setor extrativista tradicional e os novos planos de valorização da Amazônia fundados em um projeto econômico de ordem industrial. Concluimos, assim, que a obra de Tocantins possui para Região Norte um papel semelhante a de Gilberto Freyre no plano nacional, isto é, representa os termos de conciliação entre os setores tradicionais ligados à economia extrativa e os setores emergentes ligados à industrialização. A valorização da tradição é o modo de nos transformarmos sem nos descolarmos do conjunto de experiências históricas que dão autenticidade a nossa civilização.

CAPÍTULO I

EM TORNO DE UM TEMA COMUM

Procurar a palavra mais rica, mais sutil e precisa para iniciar uma dissertação é perseguir algo que escapa à expressão. As palavras se esquivam de tal maneira que precisamos travar um verdadeiro combate com a língua. A busca da expressão que dá início ao jogo se torna mais difícil quando nos deparamos com autores da qualidade de Gilberto Freyre e Leandro Tocantins. Autores que retiram o peso das palavras deixando a prosa sem gravidade no melhor estilo Ibérico de Cervantes, Camões, Gil Vicente, Gracián e outros (ver ALCÂNTARA, 1962; 9-21). Esses autores retiraram do mundo as formas vivas mais sedutoras, destilando-as e retocando-as nos seus ritmos interiores.

Simplicidade e densidade confluem na obra de Gilberto Freyre e Leandro Tocantins, ambos buscam compreender o drama humano nos trópicos sem exageros de metodologias asfixiantes e reducionistas. A história social da vida íntima do povo brasileiro se alonga no fazer cotidiano de todos nós, o tempo presente funde-se com o passado e o futuro nas dobras do próprio acontecer. Nesse ponto de confluência do tempo é que a existência dos nossos antepassados se torna extensão de nossa memória.

A vida íntima como centro da história social narrada por Freyre e Tocantins possui vários temas comuns - o sexo, a cozinha, a mestiçagem, a

arquitetura, a tradição, o trópico - que são capazes de nos fornecer uma via de acesso para o diálogo entre os dois autores. Porém, para estabelecermos tal diálogo, optamos por outra via, que para nós orienta todos os temas comuns apontados acima, ou seja, os temas comuns presentes nas duas obras são resultantes da adoção de um mesmo ponto de vista. Motivo que nos levou a iniciar o diálogo Freyre/Tocantins pelo esclarecimento de alguns aspectos do método genético-ecológico e da inter-relação de teorias que Freyre propôs para estudar os trópicos.

Os complexos culturais do Nordeste e do Norte são vistos por Gilberto Freyre e Leandro Tocantins como resultados da adaptação do português ao meio físico tropical, ator que comandou do interior da casa-grande a fusão das raças e a interpenetração das culturas. Mobilidade, miscibilidade e aclimatabilidade dão aos portugueses um caráter plástico que possibilita uma formação social híbrida e que ao mesmo tempo equilibram os antagonismos de raça, de cultura com os do meio físico.

Por este motivo, *“no Brasil, dar conta desses problemas significa estudar o ethos lusitano e a cultura portuguesa em face dos trópicos...”* (BASTOS, 1986b: 60). O trópico é o espaço onde convivem em harmonia o tradicional, o moderno, o oriente, o ocidente, o europeu, o africano e o ameríndio, local onde os antagonismos entre as raças e as culturas tende ao equilíbrio. O Nordeste, o Norte são segredos de convivência, de conciliação, de antagonismo em equilíbrio e de plasticidade entre as raças, as culturas e o trópico (ver BASTOS, 1986a; 244-251)

A civilização moderna que emerge no espaço tropical, segundo Freyre, não se deixa interpretar pela simples aplicação de métodos sociológicos já consagrados em pesquisas ou definidos em teorias. A nova realidade social, situada nos trópicos, requer uma renovação de métodos através da capacidade do pesquisador projetar alguma coisa de si próprio e da sua situação regional na investigação, isto é, ele deve mobilizar os campos da reflexão - ecologia, sociologia, antropologia, história, filosofia e a arte em geral - a fim de compreender a experiência viva e dramática do homem situado nos trópicos (ver FREYRE, 1973; 173-209)

Em decorrência da necessidade de compreender essa nova civilização híbrida e tropical é que Gilberto Freyre procura ir além dos métodos e teorias já desenvolvidos.

"(...) Não venho, de modo Algum, como Antropólogo-Sociólogo, aplicando ao Brasil teorias, fórmulas e métodos já consagrados ou estabelecidos em outros países; e sim procurando retirar dessas teorias e desses métodos sugestões para novas tentativas de relacionamento de teorias - inclusive de teorias desenvolvidas por sociólogos europeus e anglo-americanos - com situações condicionadas pelo que me vem parecendo ser uma situação especificidade brasileira dentro de uma mais ampla em sua especialidade: A hispanotropical. Especificamente brasileiro no tempo e especificamente brasileiro no espaço sem que essa especificidade exclua afinidades com várias outras situações: principalmente com as hispano-tropicais." (FREYRE, 1968; 52)

A experiência histórico-social do homem no meio tropical tem sido, para Gilberto Freyre, um processo de equilíbrio de antagonismos - Casa-Grande & Senzala, Sobrados e Mucambos, Ordem e Progresso, Senhor e Escravo,

Católico e Herege. Isto exige uma renovação dos métodos sociológicos forjado em um outro contexto, sendo insuficiente aquele instrumental criado para dar conta das realidades européia e norte americana. Daí porque *“em seus trabalhos após 30, Freyre busca tanto a construção dos instrumentos analíticos novos como uma nova interpretação da história social brasileira. Este procedimento resulta num grande salto, que marcará profundamente a reflexão sobre o social.”* (BASTOS, 1986a: 260)

A proposta metodológica de Gilberto Freyre, para interpretação de nossas origens, possibilitou uma nova visão da experiência do homem no trópico. A mesma saudade telúrica que o animou, inspirou Leandro Tocantins a realizar uma interpretação histórico-socio-ecológica da Amazônia. Seguindo as sugestões de Freyre, Tocantins, propôs uma amazontropologia, disciplina capaz de interpretar a Amazônia através do critério, não só, regional, como também transregional. Esta amazontropicalogia seria um ramo da lusotropologia e da hispanotropologia sugerida por Freyre em suas obras.

“Foi através do estudo do comportamento do português e do espanhol, nos trópicos americanos, africanos, e asiáticos, considerado sob nova concepção, que Gilberto Freyre sugeriu a definição de um tipo de ciência social auxiliar que, sendo parte de uma tropicologia geral ainda a sistematizar-se, se especializasse na análise dos processos de colonização desenvolvidos pelos espanhóis e portugueses na América, África, Ásia. a esse tipo de Ciência social, chamou Hespanotropologia, da qual a Luso-tropicologia seria especialidade ainda restrita para objetivar o estudo da transformação dos sistemas e valores portugueses de vida, trabalho e comportamento” (ALCÂNTARA, 1962: 18)

É dentro deste mesmo quadro que Leandro Tocantins desenvolve e realiza o conjunto de sua obra. Os seus ensaios – “O Rio Comanda a Vida”, “Amazônia - Natureza, Homem e Tempo” e, “Vida, Cultura e Ação” - são resultados da aplicação da sociologia genética-histórica e da ecológica-regional ao espaço-tempo social da Amazônia. Resultaria desse procedimento analítico uma visão equilibrada da sociedade, efeito de uma história na qual as transformações teriam ocorrido sem rupturas em virtude do caráter conciliador que o ethos patriarcal exerce na cultura brasileira (ver **BASTOS**, 1986a; 163-173)

É bom lembrarmos que procurar uma unidade teórica e uma coerência conceitual na obra de Gilberto Freyre é uma atividade estéril, isto porque, o seu ecletismo não pode ser desvinculado de seu significado social e político. Todavia - como nosso interesse é apenas delinear o método genético-ecológico enquanto base comum das obras de Freyre e Tocantins - permitimo-nos um certo esquematismo que ao leitor pode parecer reducionista. Uma vez que a raiz do ecletismo de Gilberto Freyre reside, não só na fusão de várias teorias para compreender o homem situado nos trópicos, como também na necessidade de conciliar interesse agrários tradicionais e urbanos industriais em meio às transformações econômicas, políticas e sociais que atravessavam o Brasil nas décadas de 20 e 30.

1. Ecletismo e Trópico

O que de imediato chama a atenção na obra de Gilberto Freyre é sua heterogeneidade, o que lhe confere um caráter rico, vertiginoso, ambivalente e contraditório. Mas tudo indica que essa característica da obra freyriana está ligada diretamente à sua forma de perceber o trópico, realidade plástica, que não se deixa apreender pelo estoque de teorias e métodos sociológicos concebidos por Europeus e Norte Americanos.

“Nos estudos sociais em que o analista tenha que considerar o encontro de civilizações como a Européia com culturas primitivas, como algumas das africanas ou das ameríndias em áreas tropicais, pode esse mesmo analista, que se desdobre em intérprete, seguir uma síntese ou combinação de métodos semelhantes à que vem empregando Mestre Pablo Picasso em artes plásticas, em sua relação com a antropologia científica, isto é, a fusão dos métodos analítico e orgânico de interpretação do homem, para dessa fusão resultar uma imagem quanto possível completa do humano. Pois parece que essa imagem quanto possível completa do homem só se obtém tendo em vista, no estudo do homem, o que nesse homem é considerado ‘primitivo, junto com a sua denominada civilização’. Assim se caminharia para uma metodologia unitária, na antropologia ou nos estudos sociais de base antropológica, que transbordasse em reinterpretações artísticas e filosóficas do homem.” (FREYRE, 1992; XL - XLI)

Como se vê acima, a contemporização das culturas portuguesa, africana e ameríndia no espaço tropical resulta em um novo padrão de civilização, que está além das explicações sociológicas convencionais desenvolvidas por pesquisadores oriundos de uma outra experiência existencial Norte Americana e Européia. Nos trópicos é preciso fundir

métodos, não só sociológicos, mas antropológicos, ecológicos, artísticos e filosóficos para dar conta de uma situação existencial extra-européia. Por meio dessa fusão, o pesquisador chegaria a uma imagem quanto possível completa do homem situado no espaço tropical.

A configuração social resultante da contemporização das etnias, raças e culturas, faz do espaço tropical uma região onde convivem em equilíbrio e harmonia o moderno e o tradicional; o oriente e o ocidente. *“Isso exige, segundo Gilberto Freyre, um arcabouço teórico de interpretação e uma metodologia de investigação sui generis”* (BASTOS, 1986b; 53). Na realidade os antagonismos interpenetram-se por meio de um contínuo histórico que os equilibra face às transformações.

O espírito freyriano se traduz na recusa da rigidez metodológica que asfixia a existência (ver QUINTAS, 1996; 18). O cheiro, o paladar, a casa, enfim, a tensão da vivência face a face nesse novo ambiente só pode ser desgustado pelo pesquisador que projete algo de si e de sua região na criação científica.

“(...) Em sociologia - em criação sociológica - as realizações vêm dependendo menos da aplicação maciça de métodos já consagrados em pesquisa ou definidos em teoria, do que da sua constante renovação através de sociólogos com capacidade de projetarem alguma coisa de si próprios e das suas situações regionais ou da sua imaginação científica, vizinha da artística e da filosófica em sua sensibilidade a experiências vivas ou observação diretas.”
(FREYRE, 1973; 175)

O ritmo da vivência do homem situado nos trópicos se prolonga

em uma nova civilização de caráter extra-europeu. Esquivando-se das teorias e métodos já consagrados, Gilberto Freyre busca compreender a simbiose do homem com a terra. Neste drama sensual, se revelam as pessoas, o céu, as águas, os animais, a floresta, os amanheceres, os rostos de crianças, os rostos de mulheres (ver QUINTAS, 1996; 9-21), o paladar, a luxúria e o excesso que marcam a vivência dos homens nos trópicos. O tempo-espço são captados a partir da vivência e da rotina da Casa-Grande, da Senzala, do Sobrado e do Mucambo. Esse argumento nos leva, ao que Ricardo Benzaquem chama de antagonismo em equilíbrio, avaliação que aponta a convivência tensa, mas equilibrada entre as raças, as culturas na obra de Gilberto Freyre.

“Assim, da mesma maneira que distintas influências étnicas e culturais conseguiam combinar-se separadamente no português, a violência e a proximidade sexual, o despotismo e a confraternização familiar parecem também ter condições de conviver lado a lado, em um amálgama tenso, mas equilibrado. Neste sentido, minha impressão final é a de que esse argumento, fundado em um relativo louvor da ambigüidade, da particularidade e, portanto, incapaz de pensar a totalidade a não ser que os seus componentes tenham condições de guardar ao menos uma memória da sua variada origem, é, mais do que uma característica de uma ou outra parte isolada do raciocínio de Gilberto, um ponto central, decisivo mesmo, da sua reflexão.” (ARAÚJO, 1994, 57)

Esse argumento nos revela uma realidade onde os antagonismos convivem lado a lado em equilíbrio, o que exige, segundo Freyre, a fusão de teorias e métodos para sua compreensão. Já que os métodos e teorias tradicionais são incapazes de dar conta da totalidade desse amálgama tenso de culturas e

raças, Gilberto Freyre se lança a reconstituir a memória que cada componente, desse drama, guarda em si, daí o caráter empático presente em sua análise.

É bom lembramos, que o ecletismo de Gilberto Freyre não é resultado, apenas, da necessidade de ajuste de métodos para dar conta da nova situação existencial do homem no trópico. É importante perceber seu ecletismo, também, como uma resposta as mudanças que estão ocorrendo na sociedade brasileira.

“De fato, há uma transformação no instrumental analítico disponível, que corre paralela às mudanças na sociedade. Ou seja, o real e o imaginário influenciam-se reciprocamente. Mas a utilização desse aparato está profundamente ligada às opções teóricas dos indivíduos, ao mesmo tempo que às suas posições no âmbito dos interesses em jogo na sociedade. Isto é, as mudanças nas idéias respondem e, também refletem transformações da caráter social que desafiam ou conquistam seus portadores. Assim uma chave para a compreensão do pensamento pode ser encontrada nas circunstâncias sociais de mudança, no destino dos grupos e das classes sociais também produtores e portadores do estilo de pensamento.” (BASTOS, 1986a; 85 - 86)

Assentado nesta argumentação não é difícil de se perceber que Gilberto Freyre é filho de um conjunto de transformações que marcaram o Brasil nas primeiras décadas do século XX. Este solo, marcado pela fermentação de novas idéias, pode ser sintetizado na semana de arte moderna de 22; na fundação do partido comunista face as mobilizações sociais do período; na reação católica tradicionalista, com a criação da revista “A Ordem”; e na rebelião do Forte de Copacabana (ver BASTOS, 1986a; 260-266), para dar alguns exemplos . Estes movimentos podem ilustrar as

transformações sociais por que passava o Brasil, no período em que Freyre escreveu parte substancial de sua obra.

Essa conjuntura crítica expressava o desgaste do pacto oligárquico marcado por uma perda progressiva da importância econômica e política dos setores agrários tradicionais. Isto resultou em uma rearticulação do bloco de poder com a revolução de 30. Neste contexto a obra de Gilberto Freyre pode representar a conciliação entre os setores agrários tradicionais e os setores urbanos/industriais emergentes; e entre o tradicional e o moderno(Ibid). Nessa perspectiva podemos notar a dimensão política de seu ecletismo, isto é, este último resulta não só do ajustamento de métodos e teorias à realidade tropical, mas também da necessidade de conciliar interesses em um jogo, contínuo, de equilíbrio de antagonismo (ver ARAÚJO, 1994; 43-73).

2. Raça e Cultura

A passagem de Gilberto Freyre pela Universidade de Baylor (Waco, Texas) na qual bacharelou-se em Artes Liberais; e pela Universidade de Colúmbia (New York) na qual realizou estudos de ciências sociais e pós-graduação, é reveladora de algumas influências que compõem seu ecletismo.

Entre as várias influências que marcaram Gilberto Freyre, cabe salientar a de Zimmern que com seu curso sobre escravidão na Grécia, abriu-lhe nova perspectiva sobre o escravo, Freyre passará agora, a observar o escravo como civilizador e tendo um papel importante para a cultura que emerge nos trópicos (ver BASTOS, 1986b; 43-76). Mas foi Franz Boas, que o

conduziu para uma perspectiva que abriria novos caminhos para o estudo das raças no Brasil.

“Foi o estudo de Antropologia sob a orientação do professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor - separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural. Aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influência sociais, de herança cultural e de meio” (FREYRE, 1992; XLVII - XLVIII)

O argumento de Freyre indica uma posição que rompe com o racismo que caracterizava boa parte do pensamento social brasileiro até a publicação de Casa-Grande & Senzala em 1933. Os intelectuais brasileiros, anteriormente à publicação dessa obra, tinham como instrumentos explicativos mais correntes da realidade social o evolucionismo biossocial e a filosofia do Direito (ver AZEVEDO, 1962; 74-78). Esses instrumentos explicativos levaram a uma visão pessimista sobre o futuro da sociedade brasileira, pois as obras produzidas segundo essas perspectivas apontam para a inferioridade física, psicológica e moral das raças não brancas (ver BASTOS, 1986a) como um obstáculo a uma formação nacional que pudesse comparar-se às sociedades civilizadas. Isto porque a herança genética dos negros e dos índios resultava na degeneração da sociedade.

“(...) Eram sobretudo as ‘degenerescência’ derivadas da mestiçagem desenfreada o que explicava certas aberrações da nossa civilização como a indolência e a falta de ambição do povo, o atraso mental, os surtos de loucura coletiva e as formas bárbaras de religiosidade, o banditismo, a sensualidade...” (AZEVEDO, 1962; 75)

Nesse cenário, marcado pelo discurso jurídico e pelo evolucionismo biossocial é que a obra de Gilberto Freyre vem ao mundo, causando *“uma autêntica revolução do método da história social e da antropologia cultural nacionais. O jovem cientista social estreava em nossas letras, em 33, com exame da mestiçagem para além dos termos gerais do problema, isto é, reduzindo às suas proporções reais as correlações entre o substrato orgânico e biótico e as forças históricas que atuaram na vida brasileira desde a inauguração desta como cultura autônoma no tempo da colônia, e tratando como fatores distintos em sua gênese e em sua dinâmica e a cultura”*. (AZEVEDO, 1962: 76)

O espectro das raças e a visão pessimista na qual estávamos imersos foram exorcizados pela reinterpretação da nossa história através do culturalismo. Submetendo os aspectos antropológicos da vivência, da rotina, do sexo e do paladar à análise histórico-genética, Freyre chega ao excesso e aos antagonismos em equilíbrio como marca de nossa cultura e nossa identidade. Somos resultado de excessos que se harmonizam de forma equilibrada.

A intuição, a empatia de Gilberto Freyre fundem-se com o culturalismo e revelam que na rotina e na memória da Casa-Grande e da Senzala reside o caráter do povo brasileiro (ver FREYRE, 1992; XLV-LXXVIII).

É importante observar que a questão racial é, neste período, um componente fundamental da questão nacional. É um modo de apreender a realidade brasileira. Assentados nessa questão, alguns autores apontam a arianização como um modo de equacionar os problemas da fusão das raças.

“O branqueamento é a meta a que o conjunto do sistema social brasileiro deve tender, orientado por uma sábia política de imigração, buscando tipos que se adaptem a nosso clima e meio geográfico” (BASTOS, 1986a; 113)

Este argumento está presente em vários ensaístas da década de 20 como forma de equacionar os problemas nacionais, todavia é com a publicação de Casa-Grande & Senzala que as análises sobre as raças serão lançadas em um outro patamar, o culturalista.

“Entretanto, não foi apenas reconsiderando “as três raças” na formação brasileira, mas atribuindo, numa aplicação sistemática da então nova teoria de Franz Boas ao caso brasileiro, importância muito maior à cultura do que à raça e rompendo com o ‘Arianismo’ do aliás notável sociólogo Oliveira Vianna, que os renovadores recifenses surgidos na década de 20 verdadeiramente revolucionaram a filosofia e a metodologia em estudos antropológicos e históricos de sociedade extraeuropéia, especialmente das eurotropicais, como destacaria o professor Roger Bastide. E mais: dando maior relevo à história íntima que a pública e ao passado antropológico ao lado do histórico e, no caso brasileiro, fazendo da família patriarcal, e não do estado, ou da igreja, ou do indivíduo, o centro desse reestudo e dessa reinterpretação do nosso passado sócio-cultural.” (FREYRE, 1996c; 245)

Aplicando de modo original as teses culturalistas na interpretação do Brasil, Gilberto Freyre, subverte a visão racial que dominava o cenário intelectual brasileiro. Fundado naquele critério, Freyre, confere ao negro e ao

índio, além, é claro do branco, um importante papel na constituição da cultura e da identidade nacionais. Nessa visão a Casa-Grande, a Senzala, a família patriarcal, o regime escravocrata de economia e o trópico exprimem as condições de vida onde se fundem as raças e as culturas dando origem ao ethos brasileiro.

Por meio do culturalismo a história da formação nacional é reconstituída através dos aspectos antropológicos, sociológicos, psicológicos e ecológicos da existência concreta. A família patriarcal, a interpenetração de etnias e o trópico formam a base na qual se ergue o complexo cultural brasileiro. Nós encontramos fixada nos hábitos, nos costumes, no sexo e na rotina de nosso antepassados a nossa continuidade histórica e cultural.

“A história social da casa grande é a história íntima de quase todo brasileiro: de sua vida doméstica, conjugal, sob o patriarcalismo escravocrata e polígamo; da sua vida de menino; do seu cristianismo reduzido à religião de família e influenciado pelas crendices da senzala. O estudo da história íntima de um povo tem alguma causa de introspecção proustiana; os Goncourt já o chamavam ‘ce ramam vrai’. O arquiteto Lúcio Costa diante das casas velhas de Sabará, São João del-Rei, Ouro Preto, Mariana, das velhas casas-grandes de Minas, foi a impressão que teve: ‘A gente como que se encontra... E se lembra de cousas que a gente nunca soube, mas que estava lá dentro de nós; não sei - Proust devia explicar isso direito.’ (FREYRE, 1992; LXV)

A casa grande e a senzala aparecem como núcleo da experiência de todo brasileiro. Nesses espaços a vivência cotidiana entre as raças plasmou nossa identidade; daí a necessidade de reconstituir o tempo que funde passado, presente e futuro. O culturalismo, conjuntamente a outras teorias, à memória, à intuição, à poesia constituem um itinerário para recompor a experiência

vivida, estabelecendo uma continuidade no tempo e no espaço. Gilberto Freyre não hesita em acrescentar ao culturalismo a idéia de que o homem é um drama, um ser em trajetória, daí porque valoriza a história de vida (ver **ALCÂNTARA**, 1962; 9-21) e dos espaços íntimos onde a miscigenação corrige a distância entre a casa-grande e a senzala (ver **FREYRE**, 1992; XLV-LXXVIII).

3. O Método Genético-ecológico

Boa parte dos argumentos que apresentamos até agora indicam que o ecletismo de Gilberto Freyre não é apenas uma solução metodológica para interpretar um novo tipo de civilização mestiça, ecológica e tropical (ver **FREYRE**, 1971; XXVII). É também um meio de solucionar o impasse entre o tradicional e o moderno, o agrário e o urbano/industrial face as transformações daquele período. Isto porque os valores modernos que entram no Brasil, sem critério algum, não possuem ligação orgânica com nosso passado, estão descolados da história de nossa formação patriarcal(ver **BASTOS**, 1986a; 225-235). Gilberto Freyre sustenta que, face as transformações modernizantes, deveríamos nos voltar aos valores agrário-patriarcais para mantermos nossa identidade. O método genético-ecológico é o meio encontrado por Gilberto Freyre para solucionar os problemas da especificidade da formação nacional e de sua continuidade histórica diante das transformações modernizantes porque passava o Brasil nas décadas de 20 e 30 (**Ibid**, 225-235).

A sociologia genética e a sociologia ecológica são critérios que se completam na busca e no estudo das origens e do desenvolvimento no tempo e no espaço das instituições e dos homens no meio tropical. A união desses dois critérios é um meio de reconstituir a vida social e cultural em suas relações ativas com as condições ecológicas de existência no espaço. Gilberto Freyre deixa claro que

“(...) Nenhum problema é mais profundamente ecológico - e ao mesmo tempo sociológico - que o da adaptação do homem ao meio físico, ao conjunto de condições de solo, de vegetação e de vida animal dentro do qual vai estabelecer sua posição, seu status, sua situação de homem social e não apenas de indivíduo biológico: de portador, transplantador, deformador ou renovador de cultura, de instituições, de formas de vida social.” (FREYRE, 1945; 448)

Gilberto Freyre salienta a importância de, em estudos sociológicos ou antropológicos, não perdermos de vista o fator ecológico ao lado do cultural, isto porque os espaços onde se realizam as atividades sociais condicionam as formas de organização e os processos de interação entre os grupos humanos.

Ancorado nessa visão Gilberto Freyre interpreta a formação socio-cultural do brasileiro, levando em conta sua relação com o trópico. a sociologia regional ou ecologia social é o meio de estudar essa interação, ela *“acentua menos os estudos dos fatores hereditários que o das relações dos*

seres humanos entre si e com o ambiente, com o espaço, com a região (...)."
(FREYRE, 1945; 425)

A sociedade colonial brasileira é vista não só como resultado da monocultura, do escravismo e da família patriarcal, mas também é resultado da adaptação humana ao meio físico tropical. Nesse espaço o ritmo das relações dos homens com as terras; dos grupos humanos com as águas são vividos dramaticamente.

"São problemas, esses, que parecendo só de geografia humana ou de economia social, são, entretanto, sociológicos quando o que se estuda neles não são tanto os conteúdos ou as substâncias (...) mas os processos e as formas de vida regional em conjunto, de interação favorável ou desfavorável à vida social humana em dada região, de distribuição, de situação e de movimento de populações no espaço físico-social ou principalmente sócio-cultural ou só sócio-cultural. Fique claro, porém, que na prática os estudos ecológicos dificilmente podem limitar-se às fronteiras sociológicas: a invasão, por eles, da geografia e da economia é freqüente e, em vários casos, inevitável."(FREYRE, 1945; 430).

Cabe notar que Gilberto Freyre, em sua reflexão, chama atenção para o fato de o critério ecológico não ficar restrito à perspectiva sociológica. Sua utilização implica na prática a fusão de vários métodos. E os problemas que se apresentam ao investigador exigem essa combinação.

"(...) Com relação ao Brasil agrário-patriarcal-escravocrata - complexo ecológico que procuramos simbolizar na expressão por nós criada na sociologia de região, casa-grande e senzala - procurar o pesquisador reunir, para a análise de cada região, eco-sócio-cultural, um conjunto de métodos gerais: o eco-geográfico, o antropológico, o histórico, o econômico, o político, o sociológico." (FREYRE, 1945; 431)

O estudo da mestiçagem e da interpenetração de culturas no espaço tropical exigem uma convergência de métodos e teorias, permitindo um conjunto de imagens e formas que correspondem, segundo Freyre, ao essencial da experiência inteira do pré-brasileiro (ver FREYRE, 1992; XLI). Cabe notar o português, o negro e o índio no exercício prático de suas existências em meio ao espaço-tempo tropical. É dessa troca entre civilização e natureza que Gilberto Freyre vai deduzir que não existe uma normalidade universal e absoluta para a vida social ou cultural e sim normalidades regionais e temporais que resultam do ajuste do homem ao meio ecológico (ver FREYRE, 1945; 130-136). Gilberto Freyre afirma que

"(...) Conceitos de normalidade social se mostram flutuantes tornando difíceis, senão impossíveis, os critérios absolutos de normalidade no estudo sociológico dos fatos sociais. As normalidades sociais se apresentam ao sociólogo condicionadas por inter-relações sociais e de cultura que, por sua vez, se relacionam com peculiaridades de ambiente físico-químico, e essas inter-relações se alteram, dando o dinamismo social e de cultura que caracteriza o homem social." (FREYRE, 1945; 132)

Com esses argumentos, Gilberto Freyre, nega a perspectiva evolucionista e universalista do desenvolvimento da sociedade e por meio

desse critério ecológico sustenta a relatividade do progresso já que nos trópicos emerge uma avançada forma de civilização extra-européia que confirma tais idéias (ver **BASTOS**, 1986 a; 220-256).

A relatividade do progresso impõe o uso da sociologia ecológica. Ela explica os vaivéns da sociedade. Assim como afasta-se das posições extremamente limitadas e radicais, possibilitando uma visão o tanto quanto equilibrada da sociedade, além de ser um suporte para definir uma política de organização sócio-cultural (**Ibid**) condizente com a situação ecológica da sociedade moderna nos trópicos.

Juntamente com o critério ecológico que acabamos de descrever acima Gilberto Freyre desenvolve uma outra particularidade do seu método: a sociologia genética. Através dela a

"(...) História de grupos, instituições e pessoas sendo, quanto possível, história natural, torna-se, de certa altura em diante, peculiarmente humana, social e cultural através não da simples descrição mas também da compreensão, pelo sociólogo, dos fenômenos sociais, pessoais e de cultura." (**FREYRE**, 1945; 508-509)

O argumento de Gilberto Freyre aponta para a necessidade da compreensão da vida social através da história íntima da casa-grande, da senzala, do sobrado e do mucambo. Para ele, a simples descrição da história não revela as raízes da vida social brasileira. O pesquisador deve interpretar a história social do Brasil a partir da reconstituição da vivência nos espaços onde os antagonismos de raça, de cultura se fundem - a casa-grande e a

senzala mediadas pelo patriarcalismo, pela monocultura latifundiária e pelo escravismo constitui tal espaço.

Para realizar esse propósito Gilberto Freyre analisou a vida íntima não só através dos documentos oficiais, mas reconstituiu as vozes e os modos de vida presentes nas cartas, nas receitas (médicas e de cozinhas), nos hábitos sexuais, nos álbuns, nos diários, nas notícias de jornais e nos testamentos. A compreensão da vida social brasileira empreendida por Gilberto Freyre valoriza expressões da existência cotidiana que ficaram à margem da historiografia tradicional.

“(...) Gilberto Freyre prefere superestimar as forças silenciosas, não só as da terra e as da economia, como as da própria vida: o sexo, o amor, os desvios, as variadas formas psicossias da virtude e do vício humanos, a ambição, o desejo, as anomalias, as paixões, tudo, enfim, que ele possa descobrir e revelar do bem e do mal da alma humana, não geral, mas historicamente qualificados.” (RODRIGUES, 1962; 439)

Gilberto Freyre descarta a aceitação passiva dos documentos convencionais que constituem a história oficial; para ele a vida social e íntima da casa-grande, desprezada pela historiografia tradicional, oferece uma imagem completa do pré-brasileiro.

“(...) Nas casas-grandes foi até hoje onde melhor se exprimiu o caráter brasileiro; a nossa continuidade social. No estudo da sua história íntima despreza-se tudo o que a história política e militar nos oferece de empolgante por uma quase rotina de vida: mas dentro dessa rotina é que melhor se sente o caráter de um povo. Estudando a vida doméstica dos antepassados sentimo-nos aos poucos nos completar: é outro meio de procurar-se o “tempo

perdido". Outro meio de nos sentirmos nos outros - nos que viveram antes de nós; e em cuja vida se antecipou a nossa. É um passado que se estuda tocando em nervos; um passado que emenda com a vida de cada um; uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos." (FREYRE, 1992; LXV).

Ao estudar a história íntima da casa grande e da senzala Gilberto Freyre recompõe o tempo e o espaço de nossa continuidade histórica. A sociologia Genética torna-se a chave para a compreensão da rotina de vida de nossos antepassados, rotina que baseada no patriarcalismo, na monocultura latifundiária e no escravismo fundiu as raças e as culturas.

Influenciado pela filosofia social e histórica alemã - Simmel, Dilthey, Weber e Hans Freyer - Gilberto Freyre aceita o princípio da compreensão como um momento importante para se interpretar a história social de grupos, pessoas e instituições (ver FREYRE, 1945). Para entrar na experiência alheia ou na intimidade do passado de um grupo Gilberto Freyre se apoia sobre a empatia (Ibid, 522).

"Em Sociologia, como em História e em psicologia, grande parte do "não-eu" só se deixa esclarecer pelo "eu" do indagador: pelo seu poder de compreensão, de empatia, digamos mesmo de imaginação - imaginação científica e mesmo poética - e não apenas pelas técnicas de experimentação e mensuração." (FREYRE, 1945; 29)

Esse critério, a empatia, precisa ser acompanhada, o máximo possível, de conhecimentos do passado e dos valores da cultura, pois as manifestações psico-cultural e histórico-regional do nós social, interiorizadas

pelos indivíduos, serve de referência para a avaliação histórico-social de uma época (Ibid, 524). Isto faz da sociologia genética o espaço onde a história é fecundada pela antropologia e pela psicologia (ver BASTOS, 1986a; 233).

“A psicologia é indispensável ao sociólogo que se dedicar a estudos de história humana; mas consideradas sempre as evidências propriamente históricas e culturais. E não só as evidências da história oficial como as da história íntima: documentos aparentemente sem importância dos quais muitas vezes nos vêm os melhores esclarecimentos sobre a exata configuração da época que se procure compreender nas suas relações com outras épocas: inclusive com a atual, isto é, a do observador ou pesquisador. Relações histórica e de cultura e relações psicológicas .” (FREYRE, 1945; 525)

Através da inter-relação da sociologia com a história e com a psicologia, além é claro da antropologia e da ecologia, Gilberto Freyre acredita ser possível compreender instituições, grupos e pessoas significativas para a constituição social do brasileiro. Esse critério levou Freyre a concluir que a sociologia não é ciência nem da natureza, nem do logos, mas da realidade existencial (ver FREYRE, 1945; 536-537). Daí porque em sua interpretação do Brasil privilegia as pequenas expressões da vivência e da convivência cotidiana que revelam a intimidade do pré-brasileiro (ver FREYRE, 1968; 71) .

A sociologia genética recompõe a história social soldando o significado das ações cotidianas no espaço e no tempo de suas realizações concretas, dessa valorização da história de vida surgem configurações socio-culturais e psico-sociais tão vivas que chegamos a ouvir as vozes que cantam

na cozinha, que dão ordens aos escravos, que cochicham enquanto comem doce ou guisado preparado por negras, que sussurram segredos à mucama e que rezam.

Os hábitos cotidianos de higiene, de alimentação, de crença, de vida sexual constituem um drama vivo que funde passado, presente e futuro à que Freyre designou de tempo trípico, isto é, as situações do passado confluem para as situações do presente refletindo-se nas possibilidades do futuro (ver FREYRE, 1945; 536-538).

Assentado nos métodos genético e ecológico, Gilberto Freyre procura dar conta da realidade histórico-social e socio-cultural do homem situado nos trópicos. Esses dois métodos fornecem uma imagem quase que completa do homem em sua existência concreta, em sua situação no espaço e no tempo. O resultado da fusão dessas duas perspectivas é uma visão da formação socio-cultural brasileira, vista em equilíbrio.

4. O Lusotropicalismo e o Regionalismo

Na perspectiva de Gilberto Freyre o Brasil é a expressão pioneira de um novo tipo de cultura e civilização que se desenvolve no espaço ou no ambiente tropical, isto é, uma civilização moderna e ao mesmo tempo ecológica (ver FREYRE, 1971; XVII).

No estudo das origens, da formação e da consolidação da sociedade brasileira através da teoria sociológica empreendido por ele, o trópico aparece como base material onde o domínio do patriarcado e a

interpenetração de etnias e culturas se realizam. Sobre o trópico sedimentam-se as forças étnico-culturais e sócio-culturais mais expressivas da formação social brasileira (ver FREYRE, 1968; 145).

Gilberto Freyre observa que o Brasil, como país e cultura situada nos trópicos, necessita ser estudado e analisado a partir da dupla dimensão tempo/espaço. Tal argumento aponta uma formulação original de cultura que vai além dos conceitos tradicionais. Isto exige um duplo critério histórico e ecológico para sua avaliação (ver BASTOS, 1986b; 58).

"(...) interpretar não apenas o Brasil, como tal, porém como expressão pioneira de um novo tipo de cultura e de civilização – civilização moderna ao mesmo tempo que ecológica – em desenvolvimento em espaço ou dentro de ambiente tropical".
(FREYRE, 1971; XVII)

A colonização portuguesa e espanhola das terras quentes e úmidas dos trópicos revelam traços e valores comuns em suas paisagens físico-regionais. Para se compreenderem os valores universais e os valores regionais que unificam e diferenciam essas áreas de colonização ibérica, Gilberto Freyre recorre à antropologia e à ecologia social. Os estudos sócio-culturais de áreas tropicais, separadas por distâncias físicas, exigem a constituição de ciências especiais da qual a lusotropologia é um caso particular dentro da hispanotropologia.

"Assim se justificaria a denominada hispanotropologia e, dentro dela, a chamada lusotropologia, que representam contribuição brasileira não de todo insignificante para o possível desenvolvimento de modernas sistemáticas de análise e de interpretação antropológicas de um fenômeno - o da crescente consolidação, em áreas tropicais, de culturas e até de civilizações do tipo hispanotropical, em geral, lusotropical, em

particular - cuja importância também crescente e cuja especificidade, aliás evidente, justificam tal sistematização. Só antropólogos de vistas demasiadamente curtas deixam de enxergar aquela expansão - a de um tipo moderno de cultura mista ou simbiótica - euro-tropical - e a sua especificidade." (FREYRE, 1968; 87)

Na perspectiva de Gilberto Freyre as ciências sociais podem não só esclarecer os vários problemas regionais, nacionais e internacionais, como também devem orientar suas resoluções.

"Pela capacidade de esclarecer e orientar é que o moderno conjunto de estudos sociais de que faz parte a antropologia constitui alguma coisa de essencial ao moderno político como ao moderno médico, ao artista (que o diga Pablo Picasso) como ao Engenheiro, ao Arquiteto como ao Urbanista, ao Industrial como ao Agrônomo, ao Educador como ao Missionário." (FREYRE, 1973; XXXIX)

Perspectiva que é reiterada confirmada na seguinte passagem.

"Sendo dos que acreditam a antropologia capaz de concorrer para melhor administração do Brasil e para a articulação mais inteligente - Articulação Social e de Cultura- com os demais povos americanos - todos ele com problemas semelhantes aos nossos: principalmente os relacionados com o indígena e a sua cultura - não hesito em ir até à sugestão ou esboço de uma filosofia interamericana de política de cultura que teria nas ciências sociais - especialmente na antropologia - auxiliar poderoso, sem sacrifício, é claro, da dignidade científica das mesmas ciências." (IBID, XXXIII)

A formulação da lusotropologia se encontra de acordo com o princípio da luta pelo domínio tanto quanto possível científico do destino humano (ver FREYRE, 1973; XXVII) ao qual Freyre se vincula. Tal princípio

se expressa nitidamente no caráter de "Policy Science" conferido a lusotropicologia. Gilberto Freyre não hesita em afirmar que esta

" (...) É uma ciência que pode tornar-se "policy science" no seu aspecto mais nítido de ciências orientadora da ação: ação de Estadista, de Administradores, de Diplomatas, de Missionários, de Educadores, de Industriais, de Agricultores. Neste caso, ciência que orienta, sem aceitar de quem que quer seja a encomenda ou tarefa de prover ou suprir homens de ação de matéria apenas conveniente aos seus propósitos, em vez de esclarecedora, orientadora e até modificadora de decisões ou atitudes ." (FREYRE, 1973; XLIX)

A lusotropicologia enquanto policy science tem como propósito fornecer conhecimentos necessários ao aperfeiçoamento da prática democrática no Brasil e nos demais países lusotropicais. O conjunto desses países forma um sistema de democracia étnica no qual cabe ao Brasil a missão de vanguarda. Desse modo sua política externa, com relação aos países lusotropicais, principalmente com os latinos americanos, deve ser orientada com base nos conhecimentos fornecidos pela nova ciência. A lusotropicologia não é somente uma ciência, é também uma filosofia social e política que visa conciliar o regional e o universal através de uma federação de cultura de origem predominantemente, mas não exclusivamente, lusa (ver **BASTOS**, 1986b; 62).

Depois de anos de estudos nos Estados Unidos e uma profícua viagem à Europa, Gilberto Freyre retorna ao Brasil. Encontra aqui um cenário em transformação acelerada, os valores estrangeiros assimilados em nome da modernidade substituem os costumes, as comidas, a arquitetura enfim todos os valores que ligam a gente brasileira às suas raízes.

Percebendo que o conjunto de valores estrangeiros estão descolocados da história social do povo brasileiro, Gilberto Freyre, juntamente com outros intelectuais pernambucanos, volta-se às tradições regionais a fim de recompor o cenário em desequilíbrio. Isto é para Freyre e esses intelectuais, os valores regionais e tradicionais têm um caráter contemporizador resultado da solução dos problemas específicos de cada região. Daí que modificá-los sem critério, em favor de um conjunto de estrangeirices modernizante, significa alterar o equilíbrio sócio-político e ecológico nacional (ver **BASTOS**, 1986a; 235-239).

“O impacto de ver a perda das tradições regionais como o avanço de um “inquestionável nacional moderno leva a que Gilberto Freyre una-se a intelectuais pernambucanos na fundação, em 1924, de um centro regionalista do nordeste. Desse movimento fazem parte Intelectuais, Artistas e Políticos, num movimento cultural que tem implicações sobre os estudos sociais. Desse movimento imediatamente resultam: A publicação de um livro comemorativo do 1º centenário do diário de Pernambuco, em 1925; a realização de um congresso regionalista do nordeste, em 1926; a divulgação de um manifesto regionalista, lido em 1926 e publicado posteriormente.” (BASTOS, 1986b; 63)

No manifesto regionalista estão reunidas as teses e as propostas que traduzem o espírito freyriano de como fazer ciência (ver **QUINTAS**, 1996; 18), como realizar a ação política, e como se fazer arte a partir da substância histórica, social e ecológica da vida íntima regional, “Pois são modos de ser - os caracterizados no brasileiro por suas formas regionais de expressão - que pedem estudos ou indagações dentro de um critério de inter-relação que ao, mesmo tempo que amplie, (...), articule o que é nordestino em

conjunto com o que é geral e difusamente brasileiro ou vagamente americano”.
(Freyre, 1996; 49-50)

Em sua passagem pela Europa, Gilberto Freyre entrou em contato com as idéias regionalistas que dominavam o cenário alemão e francês naquele período (ver **BASTOS**, 1986b; 64). Claro que a essas deu um sentido sociológico e filosófico, humanizando o conceito de regionalismo. Gilberto Freyre não hesita em afirmar que

“Uma região pode ser politicamente menos do que uma nação. Mas vital e culturalmente é quase sempre mais do que uma nação; é mais fundamental que a nação como condição de vida e como meio de expressão ou criação humana. Idéia já de mistral, a que os regionalistas deram sentido sociológico mais nítido; e com o sentido sociológico, um sentido filosófico que marca uma espécie de humanização do conceito de regionalismo.”
(FREYRE, 1971; 82)

A originalidade de Gilberto Freyre reside em ter conferido as idéias regionalista um estatuto científico, isto é, a ação política regionalista passa a ter uma base sociológica, antropológica, histórica, ecológica e filosófica. Ora, é exatamente nesse sentido que Freyre propõe que o Brasil seja administrado jurídico-politicamente como soma de regiões e não como federação de estados (ver **FREYRE**, 1996a; 50-51).

“O conjunto de regiões é que forma verdadeiramente o Brasil. Somo um conjunto de regiões antes de sermos uma coleção arbitrária de “estados”, uns grandes, outros pequenos, a se guerrearem economicamente como outras tantas Bulgárias, Sérvias e Montenegro e a fazerem as vezes de partidos políticos - São Paulo contra Minas,; Minas contra o Rio Grande do Sul - Num jogo perigosíssimo para a unidade nacional. Regionalmente é que deve o Brasil ser administrado.” (**FREYRE**, 1996a; 51)

Por meio da pretensão neutralidade científica, Gilberto Freyre põe a questão regional e até mesmo a questão nacional acima de qualquer interesse, isto faz com que o regionalismo apareça como um movimento apolítico. Essas idéias servirão de base para que se realize, no futuro, a unidade política entre os setores agrários e urbanos industriais emergente. A obra de Freyre será um fio condutor da conciliação das elites agrárias e industriais (ver **BASTOS**, 1986b; 62-66) .

A fusão de métodos e teorias propostas por Gilberto Freyre para dar conta do homem situado nos trópicos, indicam para nós, a presença de três objetivos na obra do autor: primeiro, compreender a sociedade híbrida, que resulta do encontro da civilização luso-cristã com as culturas africanas e a ameríndias em áreas tropicais, como um processo contínuo de equilíbrio de antagonismos; segundo, reagir contra a idéia de desvalorização da cultura, do clima, da natureza, do mestiço e do homem dos trópicos; terceiro fazer da lusotropicalologia uma "policy science" orientadora da ação de estadistas, administradores, engenheiros, educadores, missionários, industriais e agricultores.

É nesse espírito freyriano de abandonar as metodologias asfixiantes e reducionistas em favor de uma fusão de teorias e métodos, onde o pesquisador acrescenta algo de si e de sua região, que Leandro Tocantins se encontra com ele a fim de prostrar sobre fatos da região, da tradição, da família, da cozinha, da mestiçagem e do rio que comanda a vida na Amazônia. Nesse jogo de afinidade eletivas, ciência, memória e poesia se condensam para traduzir a existência humana nos trópicos.

CAPÍTULO II

O TRÓPICO AMAZÔNICO

Após o balanço geral das diretrizes sociológicas, históricas, antropológicas e ecológicas que orientam o pensamento de Gilberto Freyre, podemos finalmente avaliar sua influência na obra de Leandro Tocantins. trata-se de saber, neste capítulo, como aquelas diretrizes se expressam na interpretação Genético-ecológica da Amazônia.

Partindo do princípio de que o Brasil é composto sociologicamente de regiões desde os seus primeiros dias, regiões naturais a que se sobrepuseram regiões sociais (ver FREYRE, 1996a; 50), Leandro Tocantins procura interpretar o complexo cultural amazônico.

“A Amazônia, é evidentemente, (...) uma formidável ilha ao mesmo tempo ecológica e sociológica, na apreciação de Gilberto Freyre, ou ainda na maneira que este propõe, um como trópico anfíbio, a diferenciar-se dos outros trópicos brasileiros, trópicos úmidos e trópicos secos.” (TOCANTINS, 1969; 39)

Motivado por esse ponto de vista, preliminar para o estudo de história ou de sociologia (ver FREYRE, 1971; 82), Leandro Tocantins interpreta partes integrantes da área luso-cristã, área que se distingue no extremo norte pela marca de uma exploração humana ditada pelo extrativismo e profundamente condicionada, no seu processo sócio-econômico, pela água e pela floresta (ver TOCANTINS, 1972; 17).

Na Amazônia, as condições ecológicas, sendo distintas das outras regiões do Brasil, não permitiram uma atividade econômica estável como a lavoura açucareira no litoral nordestino.

"A terra, ao contrário dos massapés nordestinos, não possuía aquele grude, ao qual hoje os sociólogos brasileiros atribuem a fixação do homem na larga faixa litorânea que vai da Bahia a Pernambuco."(TOCANTINS, 1982; 24).

Face a essas condições ecológicas o extrativismo foi a única empresa capaz de êxito, isto porque realizando uma economia de coleta, o espírito plástico do colonizador português deixou-se guiar pelas sugestões da natureza. Como se pode perceber, os condicionamentos ecológicos, históricos, sociais e econômicos que deram origem ao complexo cultural amazônico exigem de Leandro Tocantins mais do que a mera aplicação das idéias de Gilberto Freyre. Seguindo as sugestões daquele autor, Tocantins projeta algo de si e da sua situação regional no curso de seus estudos sobre a Amazônia, problemática que será desenvolvida no quarto capítulo, visto que, aqui só nos interessa avaliar a influência das idéias de Freyre na obra de Tocantins.

1. Memórias, Impressões e Empatia

A obra de Leandro Tocantins está permeada de lembranças e impressões que ao longo de sua experiência existencial na Amazônia se acumularam na memória. Ainda criança transferiu-se com a família de Belém do Pará, onde nascera em 1924, para o vale do Rio Juruá no Acre. Desse

contato direto com os seringais nasceria sua preocupação com a natureza, que na Amazônia absorve e prende os homens em ciclos extrativos intermitentes; apesar do contínuo esforço para humanizá-la, o homem ainda é seu refém (Ibid). Para corrigir esse desequilíbrio causado pelo extrativismo proporá uma política industrial subsidiada pelo governo federal. Para Tocantins, essa política criaria uma economia estável capaz de integrar definitivamente a Amazônia na vida econômica, política e social do Brasil (ver TOCANTINS, 1982; 137-171). Por ora, deixaremos de lado uma discussão aprofundada sobre esta posição que iremos abordar no decorrer do quarto capítulo.

No fausto da borracha o patriarca do clã dos Tocantins, Van Dick Amanajás Tocantins, fundou ainda muito jovem, na praça de Belém, um verdadeiro império comercial, a casa aviadora Barbosa & Tocantins, dona de inúmeros armazéns e gaiolas (navios a vapor) que recolhiam a borracha nos seringais mais recônditos do Pará, do Amazonas e do Acre.

“Leandro Tocantins desconheceu esse mundo de riqueza e euforia. Último filho, depois de uma longa pausa na sucessão familiar, veio ao mundo bem depois, na época da crise. Seu pai, e sua mãe Iraíldes Góes Tocantins, relatavam-lhe o que havia sido a belle époque Amazônica: Belém e Manaus civilizadas e cultas, exemplos de europeização dos trópicos. O sobrado luso-tropical de nascimento, no largo da Sé, Belém do Pará, o próprio barracão no seringal na foz do Muru (Acre), onde a família residiu, revelavam certos valores e rituais domésticos, acusando a influência portuguesa e francesa. Um requinte que se estendia do mobiliário aos hábitos, contrapontando, com seu apuro, a mais legítima influência brasileira: o rio e a mata, o gaiola, o batelão com motogodille, o barraca, a borracha, e os seus amigos seringueiros, plasmaram a primeira consciência de

Leandro Tocantins infante nas terras acreanas." (Nota Biográfica da Editora Civilização Brasileira, in Formação Histórica do Acre; 9 - 12)

Não causa surpresa que essas imagens e impressões, plasmadas a partir de suas experiências vividas no seringal, apareçam em sua obra dramatizadas nos temas por ele explorados. Interpretando os quadros que tocaram mais de perto sua sensibilidade, faz do "Rio Comanda Vida" uma obra existencialista. Acrescentando algo de si aos rios, aos igarapés, a floresta procura unir memória, poesia e ciência.

"Por isso mesmo, juntaram-se lembranças de alguém que conheceu tradições, lendas, viu panoramas, observou fatos sociais. A Amazônia de que eu guardara a visão fotográfica, completava-se em mim com a Amazônia estudada à luz dos ensaios de história, da antropologia, da sociologia. Assim surgiu o Rio Comanda a vida." (TOCANTINS, 1972; 18)

Ora, é exatamente nesse mesmo sentido que Gilberto Freyre acredita que

"Em sociologia, como em história e em psicologia, grande parte do não-eu só se deixa esclarecer pelo eu do indagador: pelo seu poder de compreensão, de empatia, digamos mesmo de imaginação - imaginação científica e mesmo poética - e não apenas pelas técnicas de experimentação e mensuração." (FREYRE, 1945; 29)

O sociólogo e historiador Leandro Tocantins ligeiramente disfarçado em romancista, recompõe através do seu próprio eu, poderosamente empático, os quadros sociais daquele drama do qual participara.

"O autor participa da experiência porque ele foi parte da vida da cidade que descreve, na vida da fazenda que pinta, na vida do seringal que analisa, enfim, perfeitamente integrado no meio social e geográfico em que se moveu e formou sua consciência."
(TOCANTINS, 1972; 18)

Reunindo impressões pessoais, pesquisas históricas, geográficas, trajetórias humanas, idéias e fatos o autor procura dar forma e vibração à narração, sem se afastar do real. Imbui-se daquele sentimento de franciscanismo de que tanto nos fala Gilberto Freyre, franciscanismo no sentido inter-relacionista que se expressa na atitude do homem de ciência, em não rejeitar a memória, a arte, a literatura e até mesmo a poesia como esclarecedores do seu mundo vivido.

"Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, 'desloca' estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora." (BOSI, 1987; 9)

Evocando imagens das lembranças, aliadas das crônicas de jornais e da narrativa oral dos seus pais, Tocantins pôde recompor alguns cenários da "belle époque" que conhecera somente através de relatos.

"Posso dizer, sem nenhuma presunção, acompanhando a crônica dos periódicos da época, que o Tocantins, o Moacir, O Muruzinho, as três unidades construídas especialmente para a casa Barbosa & Tocantins, representaram o que de mais belo, moderno e eficaz existiu em embarcação a vapor nas praças de Belém e Manaus, naquele "fin de siècle", marco de tempo estendido pelos historiadores até o ano de 1914, para melhor acentuar uma transição social da humanidade." (TOCANTINS, 1972; 24)

É certo que Leandro Tocantins não participou desse fausto da borracha, pois nasceu em meio à crise econômica e social que abalou a região após a primeira guerra. Mas criado em meio às reminiscências de uma época que continuou viva nas narrativas e nas crônicas, sensibilizou-se com a trajetória de uma economia marcada por ciclos efêmeros de expansão. O extrativismo, embora criasse valores regionais adaptados às condições ecológicas da Amazônia, como a cozinha e a arquitetura, não conseguiu fundar uma economia estável capaz de gerar um vínculo mais sólido entre o homem e a terra.

Assim como Gilberto Freyre, Leandro Tocantins percebe que os valores tradicionais possuem um caráter contemporizador, pois são resultados de soluções regionais de ajuste do homem ao meio ecológico (ver BASTOS, 1986a; 237). Embora a economia extrativa não possibilite uma base material estável capaz de valorizar a região e integrá-la de modo mais orgânico a vida nacional, ela deve fornecer os valores para conciliar o homem e a natureza nessa nova modalidade de vida econômica industrial (ver TOCANTINS, 1982; 158). Isto é, para o autor a mudança de base econômica deve incorporar os

valores tradicionais para um melhor ajuste do homem com a natureza Amazônica.

Memórias, impressões e empatia se coagulam em um projeto político de valorização econômica da região Amazônica, cabendo aos valores tradicionais conciliar e equilibrar o projeto industrial com o meio ecológico da Amazônia.

2. Espaço Ecológico e Vida Social

Desde seu primeiro escrito - O Rio Comanda a Vida - Leandro Tocantins, adere à posição freyriana de considerar a sociologia ciência híbrida ou anfíbia, isto é, seu objeto é em parte cultural e em parte natural (ver FREYRE, 1945; 12). Assentado nesse critério e no princípio regionalista de que o Brasil é feito de regiões naturais a que se sobrepuseram regiões culturais, Leandro Tocantins assim como Freyre, acredita que

"(...) Nenhum problema é mais profundamente ecológico - e ao mesmo tempo sociológico - que o da adaptação do homem ao meio físico, ao conjunto de condições de solo, de vegetação e de vida animal dentro do qual vai estabelecer sua posição, seus status, sua situação de homem social e não apenas de indivíduo biológico: de portador, transplantador, deformador ou renovador de cultura, de instituições, de formas de vida Social." (FREYRE, 1945; 448)

Nesse sentido o homem é a figura central e ao seu redor giram terras, águas, plantas e animais servindo-o segundo a cultura e as técnicas desenvolvidas por ele. Por esse prisma é que Leandro Tocantins interpreta o

conjunto regional amazônico como um ajuste de pessoas, grupos e instituição ao meio ecológico.

“Para compreender o mundo amazônico, sob o ponto de vista da distribuição no espaço físico de seres, grupos e instituições humanas, é fundamental o raciocínio (...) que Gilberto Freyre cita em “Nordeste”, propondo a investigação de Relações regionais de espaço e de alimentação e de processos de adaptação do homem à natureza, seguida pela mensuração do equilíbrio que se verifique nessas mesmas relações.”
(TOCANTINS, 1982; 5)

Tais inter-relações, entre os homens e os vários aspectos naturais, concorrem, em maior ou menor escala, para a organização de pessoas, grupos e instituições no espaço, que por suas necessidades elementares de vida extraem da natureza fontes de subsistência e de utilidades práticas no meio social. Esse complexo biossocial se traduz em uma cooperação competidora da qual resultam valores culturais ajustados ao meio tropical.

Como podemos perceber, o argumento de Leandro Tocantins está visivelmente marcado pelos estudos ecológicos de espaços-tempos sociais desenvolvidos por Gilberto Freyre em Nordeste, 1937. Nessa obra, Gilberto Freyre submete a área ou a região onde se desenvolveu a lavoura açucareira ao estudo ecológico. Procura compreender o homem, fundador da lavoura e transplantador de valores à sombra da monocultura da cana; o homem colonizador em suas relações com a terra, com o nativo, com as águas, com as plantas e com os animais da região ou importados da Europa ou da África (ver FREYRE, 1937; 10). Livro no qual Freyre reúne arte, poesia, ciência e

literatura para falar de uma civilização que reconhece patológica, mas que nos forneceu os elementos mais característicos da cultura brasileira (*Ibid*, 219-220).

Interpretar o esforço criador do homem na Amazônia requer, além do critério ecológico, a fusão de métodos e teorias. É diante dessa proposta de inter-relacionar várias perspectivas que o método ecológico e o genético ganham um poder de compreensão da vida social em sua dupla dimensão, espaço e tempo.

"O cotidiano visto historicamente deve ser apanhado em sua dupla dimensão, espaço e tempo, conexão possível a partir da utilização simultânea de dois métodos: o ecológico e o genético."

(BASTOS, 1986b; 70)

Essa metodologia possibilita captar os desenvolvimentos culturais no tempo e no espaço que atravessam as civilizações tropicais. Procurando compreender o real através de pessoas ou de personalidades com as quais procuram identificar-se, por empatia, Leandro Tocantins e Gilberto Freyre, reconstrõem as histórias socio-ecológicas do Norte e do Nordeste através da vivência concreta dos homens. A realidade vista através de existências concretas, e não apenas de documentos, assume a condição de drama. Os gestos, as falas, as expressões, as rezas, as lágrimas, as alegrias que aprisionam os homens no cotidiano são a matéria-prima da história sócio-ecológica que nos oferecem Leandro Tocantins e Gilberto Freyre.

No extremo Norte, as condições ecológicas e de miscibilidade foram bem outras que aquelas do Nordeste. Compreendendo a realidade ecológica da Amazônia dentro daquele espírito plástico, os portugueses puseram-se a seguir as sugestões da natureza. Ajustando-se a essa, através da coleta de especiarias, desenvolveu um modo de vida distinto aos das outras regiões brasileiras. É óbvio que a participação do índio seria fundamental nesse processo.

“Os valores existenciais na Amazônia - o índio e o português -, em confronto com os valores da natureza - a floresta, o rio, a terra, a luz, os ventos -, se correlacionaram, se harmonizaram, produziram um conjunto de valores culturais que emprestam à região essa personalidade singular a que sempre estamos aludindo”. (TOCANTINS, 1969; 40)

A compreensão dessas peculiaridades são fundamentais para se empreender qualquer tipo de estudo sobre a Amazônia. Pois quando nos lançamos a interpretar esse vasto espaço físico-social ou ilha ecológica amazônica, uma das várias que compõe o arquipélago cultural brasileiro, um dos aspectos que mais nos prendem a atenção é o gênero de troca de experiências entre as raças e as culturas que ali se processa (ver TOCANTINS, 1969; 40). A miscigenação diferente de outras regiões do Brasil, na composição étnica e cultural, tem suas raízes quase que exclusivas na mescla do português com o índio.

“Ocorria, na Amazônia, quase idêntico processo de miscigenação operado em outras regiões brasileiras. E com maior intensidade em relação a índia, porque o pequeno número de negros concorreu

para centralizar a luxúria do português no produto da terra (...). A receptividade de indígena Amazônica, nesse particular, não ficou atrás da se seus parentes tupinambás, no Nordeste brasileiro, onde Gabriel Soares surpreendeu-os 'tão luxuriosos que não há pecado de luxúria que não cometam'" (TOCANTINS, 1982; 20)

Leandro Tocantins, nos revela que a miscigenação segue ritmos diferentes conforme as diversidades regionais, isto é, conforme as condições ecológicas e sócio-culturas dos ameríndios com que se depararam os portugueses, além é claro do processo econômico posto em prática para se apropriarem das riquezas regionais. Desta forma, se o negro foi o pé-de-boi da economia açucareira que se desenvolveu no Nordeste (ver FREYRE, 1937; 100), o índio foi a pedra angular da economia extrativa.

"As primeiras especializações funcionais operaram-se no grupo indígena. Senão as primeiras, porém as mais sugestivas para a vida regional. Dele saíram o pescador, o caçador, o apanhador de drogas e o remeiro. Contingência imperativa da Geografia, o remeiro, o tripulante de canoas erigiram-se em tipos de maior valia na sociedade flutuante daquele tempo. Flutuante no sentido de mobilidade social e no figurativo: viver embarcando de um lado para outro." (IBID, p. 68)

Gilberto Freyre, também sublinha essas especializações em casa-grande & senzala, procurando fixar a contribuição do indígena.

“Foi formidável: mas só na obra de devastamento e de conquista dos sertões de que ele foi o guia, o canoeiro, o guerreiro, o caçador e pescador. Muito auxiliou o índio ao bandeirante mameluco, os dois excedendo ao português em mobilidade, atrevimento e ardor guerreiro; sua capacidade de ação e de trabalho falhou, porém, no rame-rame tristonho da lavoura de cana, que só as reservas extraordinárias de alegria e de robustez animal do africano tolerariam bem.” (FREYRE, 1992; 94)

Os complexos culturais regionais são resultados do aproveitamento, dentro do regime econômico de cada região, dos valores e experiências das culturas indígenas e africanas pelos colonizadores europeus. Essa contemporização da cultura ibérica com a nativa e a africana possibilitou um ajuste equilibrado do homem ao meio tropical. A sociedade híbrida que se formou no Brasil, organiza-se através do equilíbrio contínuo no tempo e no espaço dos valores indígenas, africanos e portugueses(ver FREYRE, 1992; 53).

É a partir dessa visão híbrida e equilibrada da formação social brasileira que Leandro Tocantins procura interpretar o complexo cultural Amazônico. Complexo no qual predominam valores indígenas e portugueses, em virtude da pequena quantidade de negros incorporado a vida social do Norte. Essa pequena participação do negro na composição do ethos amazônicos, fica visível na observação feita pelo naturalista baiano, Alexandre Rodrigues Ferreira, em sua passagem pela capitania de São José do Rio Negro em 1786. Segundo o naturalista baiano, viviam na capitania 6.642 habitantes, entre os quais 5.760 eram índios civilizados, 635 brancos e 247

escravos. Nota-se uma absoluta superioridade do gentio em relação aos brancos e ao número irrisório de negros (ver **TOCANTINS**, 1982; 12-13).

Diante desse quadro, podemos dizer que o complexo cultural amazônico não demonstrou nenhuma vocação para institucionalizar-se num rígido patriarcalismo escravocrata que se desenvolveu à sombra da monocultura-latifundiária no litoral nordestino. Na Amazônia os mais potentes adversários desse sistema foram, o extrativismo enquanto regime econômico; a fusão das etnias e culturas que se distingue no extremo norte pela predominância de valores indígenas face aos negros; e finalmente o meio ecológico que impediu uma economia agrária e estável.

A compreensão do ajuste do homem ao meio ecológico amazônico exige, segundo Leandro Tocantins, a inter-relação dos métodos ecológicos, antropológicos, sociológicos, históricos, além do artístico e do filosófico. Só assim é possível obter uma imagem quase que completa do homem Amazônico.

3. Amazontropicologia

Sendo o Brasil expressão de um novo tipo de cultura e civilização que se desenvolve no espaço tropical, Gilberto Freyre propõe uma ciência que dê conta desta singularidade. A essa ciência denominou hispanotropicologia, dentro da qual uma lusotropicologia constitui uma especialidade capaz de dar conta da fusão dos valores portugueses com os ameríndios e os africanos em ambiente tropicais (ver **FREYRE**, 1968; 87).

“Essa proposta de um saber novo, marcada antes por um irracionalismo do que pelo racionalismo é a definição de uma nova ciência, a lusotropicologia. Marcada pelo ecletismo - na definição do objeto, do universo analítico, do campo de ação, da utilização das teorias - é um novo ramo das ciências sociais. Mais ainda, é uma proposta de união da sociologia e da antropologia que, dadas as características específicas da sociedade brasileira, serão as únicas capazes de compreender o Brasil e auxiliar a definir uma política de ação”. (BASTOS, 1986a; 256)

Partindo dessas sugestões gerais, apontadas acima, Leandro Tocantins propõe uma amazontropicologia, especialização regional da lusotropicologia, capaz de interpretar o esforço criador do homem na Amazônia e orientar a partir de seus resultados uma ação política global para a Amazônia (ver TOCANTINS, 1982; XXVI).

“(...) No curso sobre a problemática amazônica, lembrei - lançando pioneiramente a idéia, - a necessidade de um esforço brasileiro para a criação de novo campo de estudos: A amazontropicologia, em que fossem incluídos os problemas globais da área, com objetivo científico de aplicar esses conhecimentos em proveito do próprio meio, e de acordo com as necessidades regionais. Uma amazontropicologia que seria desdobramento da lusotropicologia recomendada pelo professor Gilberto Freyre, pois a Amazônia é um trópico singular.” (TOCANTINS, 1969; 48)

A amazontropicologia enquanto sistematização de análises e pesquisas vai ao encontro das necessidades da Amazônia. A fusão do estudo antropológico com o estudo sociológico para dar conta do ethos Amazônico

está baseado no que Freyre denomina “policy science”, ciência orientadora da ação.

“O que há de ‘policy science’ na possível Lusotropicologia que vem sendo esboçada no Brasil nos últimos anos está longe de corresponder a uma encomenda partida de executivo de qualquer espécie. As possibilidades que aí se sugerem de ação conjunta do Brasil e dos modernos Portugais no sentido de melhor articulação de suas semelhanças e de melhor harmonização de suas diferenças para que se avigorem valores e técnicas comuns a um sistema binacional de cultura predominantemente, mas não exclusivamente, européia, em desenvolvimento, cada dia maior, nos trópicos, representa esforço, em grande parte, baseado em estudo cientificamente social de tais valores e técnicas; de sua adaptabilidade a condições tropicais de vida; de sua correspondência a condições moderna e futuras (...)” (FREYRE, 1973; L)

Esse caráter orientador da ação conferido a lusotropicologia por Gilberto Freyre e assimilado como diretriz da amazotropicologia por Leandro Tocantins é expresso em uma conferência pronunciada na faculdade de arquitetura do Pará, em junho de 1965, com o título arquitetura e paisagismo na Amazônia. Nesta conferência Leandro Tocantins aponta a necessidade da arquitetura local se vincular aos valores tradicionais ajustado ao meio ambiente tropical em contraposição a valores e padrões arquitetônicos estrangeiros descolados da realidade sócio-cultural e ecológica da Amazônia.

"É lamentável que na Amazônia se esteja tão atrasado no problema da moradia ecológica. São tantas as sugestões do meio e os exemplos de outros povos da Ásia e da África que encontraram o seu convívio com a natureza, e, ainda as lições do português colonial, que, tudo isto, nos coloca em situação de atraso incompatível com a inteligência e o senso plástico do brasileiro. Os portugueses, na época da colônia, ergueram tipos de casa bem mais adaptável do que esse moderno que só enfeia as vias públicas de Belém e Manaus, trazendo problemas à saúde e ao bem-estar humanos."
(TOCANTINS, 1972; 326)

Nesse sentido, para Leandro Tocantins é necessário a formulação de um estatuto da Amazônia através de um esforço de pesquisa e análise, a fim de avaliar a riqueza regional e apontar a ação mais viável para seu aproveitamento racional.

"Esse estatuto transforma-se-ia em instrumento de revolução: inovando métodos de política administrativas, social e econômica, (...) na medicina, na engenharia, na arquitetura, na engenharia sanitária, no urbanismo (...)." (TOCANTINS, 1972; 321)

Da mesma forma que Gilberto Freyre, Leandro Tocantins acredita que os estudos de antropologia e de sociologia são capazes de concorrer para uma melhor administração do Brasil e das suas respectivas regiões. Daí porque vêem a lusotropicologia e a amazontropicologia como ciências orientadoras da ação.

"O conjunto das ciências sociais esclarecendo os problemas nacionais e regionais poderá servir de orientação para diferentes atividades - medicina, arquitetura, urbanismo, educação, agronomia, engenharia, administração e governo - e na medida que respondam a tal tarefa constituir-se-ão numa nova ciência." (BASTOS, 1986b; 60)

A necessidade de preservar os valores tradicionais, reside no fato de que eles constituem respostas adequadas para o tipo de experiência em curso nos trópicos, isto é, eles são resultados da adaptação e da fusão de valores luso-cristãos com ameríndios e africanos no meio tropical. Os valores regionais e tradicionais trazem em si um caráter contemporizador que equilibra os antagonismos presentes na sociedade que emerge no espaço tropical (ver ARAÚJO, 1984).

Liberto da idéia de que o desenvolvimento das regiões tropicais só é possível mediante a transplantação de valores europeus e norte americanos, Leandro Tocantins acredita que dentro das constantes ecológicas, que condicionam a cultura amazônica, estejam presentes padrões técnicos exigidos pelas condições ecológicas locais. As vantagens do uso desse acervo local de valores e técnicas é o justo equilíbrio entre eles e a natureza, isto é, os valores tradicionais resultantes da adaptação ao meio tropical já trazem em potencial (ver TOCANTINS, 1969; 47) soluções adequadas para os problemas atuais (ver FREYRE, 1971; 223).

“Tropicalistas modernos (...) recomendam o emprego inteligente daquilo que eles chamam de ‘vantagens locais’. Desprezar o puro e simples emprego de técnicas essencialmente européias e norte-americanas a favor de uma cultura técnicas ou especialização científica nos padrões exigidos pelas peculiaríssimas condições do meio.” (TOCANTINS, 1969; 48)

Em torno a esses desafios é que Leandro Tocantins Lançou em 1968, a idéia de uma amazontropicologia, aplicação das teses do movimento regionalista ao espaço sócio-ecológico da Amazônia. Para Tocantins o instituto nacional de pesquisa da Amazônia, o Museo Goeldi, o instituto de pesquisa e experimentação agrícola da Amazônia e o Instituto Evandro Chagas são o suporte institucional para desenvolver a amazontropicologia. A ação conjugada desses institutos pode realizar atividades regionalmente orgânicas, captando por meio dessas pesquisas os valores da natureza e do homem (ver **TOCANTINS**, 1969; 48), para sistematizá-los e aplicá-los em proveito de uma cultura híbrida e equilibrada.

“Ao trabalho daquelas instituições científicas regionais deve juntar-se a experiência já vitoriosa no Recife dos seminários de tropicologia, em que seriam apresentados e debatidos problemas e desenvolvimento social e econômico, colonização, de educação, ciência e cultura, de população, do homem situado, de religião, de nutrição, de arquitetura, de vestuário, de culinária, de paisagismo, de trabalho e lazer, de literatura, de medicina, de agronomia, de biologia, de história, de geografia, de sociologia, de antropologia”. (TOCANTINS, 1969; 48)

A amazontropicologia procura compreender a organização social da Amazônia dentro de constantes ecológicas, sócio-culturais e econômicas

que imprimiram suas marcas no ethos da região. Pois são essas constantes que diferenciam a cultura do mundo Amazônico de outras regiões do Brasil.

O espaço-físico social da Amazônia caracterizou-se, desde o início da colonização, pela economia extrativa. Nesse espaço, de economia extrativa, formou-se uma sociedade bastante diferente das outras áreas ecológicas brasileiras. Surgiu na Amazônia uma sociedade flutuante, no sentido de movimentar-se constantemente em busca das riquezas que a natureza oferecia. Oposta à sedentariedade e as constantes familiaristas do Nordeste, essa sociedade extrativa não teve a rigidez do patriarcalismo que dominou a região açucareira.

Dentro dessa sociedade extrativa o índio desempenhou um papel fundamental, tal qual o negro na civilização do açúcar do litoral nordestino. O índio constitui não só o suporte econômico do extrativismo, através de uma contínuo especialização de tipos, canoeiro, caçador, pescador, remeiro, apanhador de drogas e outras, mas também forneceu os elementos simbólicos que constituem grande parte do imaginário cultural amazônico, sem falar na miscigenação entre índios e brancos que resultaram em tipos físicos regionais.

“Assinale-se que na Amazônia a índia desempenhou papel atribuído à negra, à mucama, no regime latifundiário-escravocrata. Dedicava-se aos ofícios caseiros e serviu até de ama-de-leite: ocupavam-nas (as índias) em geral os misteres da casa; além disso descaroçavam, batiam e fiavam algodão, teciam panos, preparavam artefatos necessários à colônia e também serviam de ama-de-leite e criavam os filhos dos grandes da capitania.” (TOCANTINS, 1982; 68)

Tocantins, esqueceu de acrescentar que a união de índias e brancos foram incentivadas pela coroa, mas antes que a coroa regulamentasse essas uniões, a escassez de mulheres brancas já havia feito da mulher índia parceira indispensável do homem branco no processo de colonização (ver **FREYRE**, 1992; 94) .

Percebendo que o extrativismo jamais criou um nódulo estável entre a região e a nação, Leandro Tocantins acredita ser possível através da amazontropologia estabelecer uma política global para a Amazônia, a fim de integrá-la de forma mais efetiva a vida cultural brasileira (ver **TOCANTINS**, 1969;51).

Em comum acordo com Gilberto Freyre, Leandro Tocantins acredita que, nos valores tradicionais brasileiros e regionais, exista um sentido de contemporização que equilibra os múltiplos valores culturais, étnicos e ecológicos que compõe as culturas regionais e a brasileira. Mais ainda, que as fusões e resultados numa cultura *sui generis*, foram a garantia da ordem e do equilíbrio regional. Resultados da adaptação ao meio tropical, os valores tradicionais, têm em potencial, soluções adequadas aos problemas de modernização das civilizações tropicais.

4. Regionalismo Amazônico

Ancorado nos princípios regionalistas propostos por Gilberto Freyre, Leandro Tocantins reabilita os valores tradicionais do Norte por meio de uma intensa discussão sobre a arquitetura, a cozinha, o sincretismo

religioso, a música, as danças e outras expressões da vivência, regidas no espaço amazônico pela economia extrativa.

Unindo informações científicas, observação apurada e graça estilística, assim como Freyre o fizera em sua obra, Tocantins demonstra que a barraca de inspiração indígena é um tipo de arquitetura plenamente adaptada às condições naturais da Amazônia. Esse tipo de arquitetura simples, mas inteiramente adaptada ao meio, cumpre e exerce na paisagem do Norte o mesmo papel que o mucambo no Nordeste.

"A barraca, em seu estado de pureza, demonstra uma visível harmonização com o meio tropical amazônico. É um valor regional em que o homem utiliza e valoriza ao máximo a paxiúba, a madeira, a palha, o cipó, facilmente encontrado na mata uma habitação ecológica do começo ao fim". (TOCANTINS, 1972; 323)

É nesse mesmo aspecto que Gilberto Freyre reabilita o mucambo nordestino como uma construção que se harmoniza com o clima e com natureza do Nordeste. Para Gilberto Freyre e para Leandro Tocantins o mucambo e a barraca respectivamente são valores regionais do Nordeste e do Norte e por extensão, valores brasileiros, e, mais do que isso, valores que representam a harmonização estética do homem com a natureza tropical. A arquitetura da barraca.

“Representa, sim, fonte de estudos para arquitetos e urbanistas desejosos de criar tipos de habitação que revelem perfeita integração de valores: uma ambiência e um habitat traduzindo a verdade ecológica. Estou propositadamente falando de um tipo de habitacional adequado para os trópicos porque é uma das problemáticas fundamentais a serem encaradas pela revolução amazônica, e também, em virtude da atualidade nacional do problema.” (Idem, 323)

A barraca exprime o espírito de harmonia estética entre o homem e a natureza, ela é o símbolo de uma sociedade marcada pela economia extrativa. Os valores tradicionais que encontramos na Amazônia são resultados das soluções humanas as condições naturais e sociais, daí o caráter equilibrado entre eles e a natureza. A tradição é um segredo de conciliação do homem com a natureza.

O argumento de Leandro Tocantins sobre a arquitetura tradicional nos leva a outra dimensão da vida social, a cozinha regional.

“Não resta dúvida de que a Amazônia possui um complexo alimentar de cores próprias, com predominância indígena bem acentuada, criando valores cujas as tradições atravessaram incólumes os anos”. (Idem, 166)

Assim como Gilberto Freyre, Leandro Tocantins aponta para o fato de que os valores da cozinha resistem às transformações em curso. Ao atravessarem incólumes os anos, eles revelam uma dimensão plástica que os concilia com valores modernos. É essa plasticidade que permite sua sobrevivência em meio às mudanças. Daí porque o argumento do declínio é

uma forma de demonstrar a necessidade de persistência da tradição em meio as transformações.

Mesmo ameaçada pelo modo de viver em apartamentos, em casa sem quintal, pelo crescente prestígio dos alimentos enlatados e a falta das mãos hábeis da cabocla, a cozinha amazônica deve ser reabilitada em pé de igualdade às de outras regiões do país.

“Aliás, se desaparecessem essas tradições, não só ficaria empobrecida a mesa regional mas a brasileira, que por sua vez se enriqueceu desses valores, numa espécie de sincretismo culinário”. (Idem, 175)

Nos mercados da região e em seus pratos típicos se pode notar o quanto permanecem acentuadamente agreste o paladar amazônico, profundamente influenciado pelo indígena.

A arquitetura, a cozinha, os ritos fúnebres, as danças e músicas, são expressões simbólicas da união do homem com a terra. Essa visão telúrica aproxima as imagens do argumento de Tocantins das páginas do manifesto regionalista.

“Regionalismo que é a integração do homem no seu meio, com a sua gente, bichos e árvores; com a tradição, os costumes e as aspirações sociais; com as superstições, a religião, os sentimentos populares”. (CAMPOS, 1962; 117)

O regionalismo ao reabilitar os valores tradicionais locais tem o Brasil como soma de Regiões, procura conciliar os interesses tradicionais ligados a produção agrária aos valores urbanos industriais. Tocantins não se

esquiva desse compromisso político embutido no regionalismo, seus trabalhos indicam um arranjo conciliador entre as forças tradicionais amazônicas, ligadas ao extrativismo, e as que emergem dos planos de valorização da Amazônia ligadas a uma perspectiva industrial.

Procedendo da mesma forma que Gilberto Freyre, Leandro Tocantins utiliza em seus estudos sobre a Amazônia uma pluracidade de métodos. A compreensão do complexo cultural amazônico exige, para ele, a inter-relação dos métodos psico-sociológico, histórico-social, antropológico, além do impressionismo que pode surpreender a vida em movimento e em sua diversidade.

"Por isso é que, procurando fazer história, ou ecologia social, reconstituindo e interpretando fatos, num quadro de conjunto, dentro de suas realidades intrínsecas, penso haver feito obra também impressionista, isto é, flexível a um sistema estético (como o sente o autor) de transmitir impressões recebidas dos fatos sociais e da natureza. E impressionismo, por surpreender, através da imaginação (...), a vida em seu perpétuo movimento. Tudo, porém, confirmado por técnicas de pesquisa e verificação". (TOCANTINS, 1982; XIX)

Ao que tudo indica, a proposta de Leandro Tocantins está dentro da mesma perspectiva sugerida por Gilberto Freyre em Nordeste, onde o autor nordestino afirma ser tal estudo quase impressionista.

A fórmula freyriana de conduzir suas investigações através de uma postura eclética é retomada por Tocantins a fim de dar conta dos vários aspectos da vida amazônica. Unindo o critério ecológico ao histórico o autor

paraense chega ao mesmo sentido de tradição que Gilberto, propôs em sua obra.

“Tradição no melhor sentido: valores que personalizam o país em suas manifestações de vida, tanto no aspecto material como no espiritual. Valores que podemos cultivar com o espírito moderno”. (TOCANTINS, 1969; 12)

Os valores tradicionais, vistos dessa ótica, ganham uma substância que se expressa em seu caráter conciliador com os valores modernos. A conciliação parece constituir uma chave para a compreensão tanto do pensamento de Gilberto Freyre como de Leandro Tocantins. Basta abriremos as páginas de “Vida, Cultura e Ação” para verificar que Leandro Tocantins busca conciliar o tradicional e o moderno, os valores extrativistas com a nova política de valorização industrial da Amazônia. É nesse aspecto que a obra de Leandro Tocantins assume no plano local um papel semelhante a de Gilberto Freyre no plano nacional, isto é, conciliar os valores tradicionais com os valores modernos em meio as mudanças histórico-sociais em curso no Brasil.

Creio que a citação abaixo sugere a idéia de conciliação que orienta sua obra.

“É preciso ir às raízes culturais de nosso povo, auscultar-lhes as tendências, sentir o processo de seu desenvolvimento histórico-social: para que a criação - seja na arte política, na literatura, nas artes plásticas, nas ciências, na tecnologia, na música, enfim, em todos os setores da vida - atinja perfeito equilíbrio entre essa tendência psico-sociais, reveladas no largo magistério da história, e o sentido modernizante que o tempo presente

sugere. Uma inteligente fusão de experiência universal com experiência brasileira, sempre levando em conta o rico acervo de nossa cultura." (TOCANTINS, 1969; 17)

Na página seguinte o autor concluirá:

"Valores tradicionais - na música, na arquitetura, na culinária, no folclore - devem ser preservado em seu estado de pureza, porque alcançam significados muito profundos na vida de um povo". (Idem, 18)

A tradição, tal qual em Gilberto Freyre, guarda um segredo de conciliação. Sua plasticidade permite sua sobrevivência em meio as transformações. Sua permanência possibilita mudanças históricas sem rupturas, já que ela, a tradição, pode se conciliar com valores modernos, resultado de uma outra experiência histórico-socio-ecológica, em um novo arranjo societário. O segredo é preservar o passado através de sua contínua atualização.

CAPÍTULO III

TRADIÇÃO E CONCILIAÇÃO

Até agora, nada mais fizemos senão discutir os pontos básicos em torno dos quais se organizam as obras de Gilberto Freyre e Leandro Tocantins. Essa discussão nos levou a idéia de conciliação (ver **BASTOS**, 1986a; 220), uma chave para compreendermos as análises feitas pelos autores a respeito da formação regional e nacional. Aliás, a obra de Leandro Tocantins assume no plano local ou regional o mesmo papel que a obra de Freyre no plano nacional, isto é, ela concilia os setores extrativistas tradicionais com os novos planos de valorização da Amazônia assentados em um processo de industrialização.

A obra de Gilberto Freyre constitui um componente fundamental para a consolidação das alianças políticas expressas no pacto agrário-industrial (**Ibid**, 302). A família patriarcal é o elo de conciliação entre esses dois setores, pois a vida social brasileira está tradicionalmente organizada em sua volta, daí porque a identidade nacional depende de sua continuidade no tempo e no espaço. O caráter conciliador presente na família patriarcal ou tutelar é o meio de equilibrar continuamente os antagonismos sociais de modo que toda transformação se realiza sem rupturas. Desse modo Gilberto Freyre procura preservar o vigor híbrido de nossa cultura face à simetria artificial dos valores europeus e norte-americanos, isto é, não podemos deixar que

nossa experiência de vida nos trópicos, marcada pelos excessos, se dilua em meio à necessidade de ordenação dos valores modernos. Nesse sentido a conciliação é o meio de absorvermos os valores estrangeiros sem deixarmos de lado a tradição híbrida na qual os antagonismos se mantêm em equilíbrio.

Não temos a pretensão de discutir esse tema exaustivamente, nosso objetivo, mais modesto, é apenas situar a conciliação como uma chave para a compreensão do pensamento de Gilberto Freyre e Leandro Tocantins. Isto é possível porque a obra de Leandro Tocantins assume na região Norte um papel semelhante a de Gilberto Freyre no plano nacional. Vejamos então a seguir alguns aspectos da idéia de conciliação no pensamento de Gilberto Freyre.

1. Tradicionalismo e o Modernismo

Para Gilberto Freyre a revalorização dos elementos regionais e tradicionais deve ser o contraponto de uma modernização sem critérios; neste sentido, suas propostas apontam para a necessidade de equilibrarmos os valores tradicionais de cada região com os valores modernos, isto é, devemos manter o núcleo de nossa organização social e de nossa identidade nacional face às transformações do mundo moderno que estandardiza a vida e a cultura dentro de constantes européias e norte-americanas.

"Rompendo-se com as convenções e com a passiva subordinação absoluta a modelos estrangeiros e unindo-se a essas novas formas (o seu tanto expressionista" na ênfase dada a impulsos de dentro para fora neutralizantes do excesso dos de fora para dentro: impulsos tropicalizantes de aliás valorosíssimas importações de valores europeus) a reinterpretação, a interpretação e a utilização de motivações e de motivos brasileiros, regionais, tropicais que dessem vigor ecológico e visão ecológica das relações do homem com o ambiente regional. Este foi um dos pioneirismos dos renovadores recifenses: - uma renovação da cultura brasileira que ultrapassasse a vinda, tanto, por um lado, dos indianistas à José de Alencar e à Gonçalves dias, como, para outro lado, dos germanistas, à La Tobias Barreto, a dos Francófilos e Anglófilos exagerados e a dos ianquemaniacos". (FREYRE, 1996e; 238)

Na ótica de Gilberto Freyre e do movimento Regionalista, a transplantação sem critério de valores europeus e norte-americanos, para o Brasil, mata as tradições nacionais e assim nossa identidade. Esses valores por estarem descolados da formação patriarcal criam um desequilíbrio nacional e regional e, dessa forma, os excessos de estrangeirices devem ser corrigidos por meio de uma contínua reinterpretação dos valores regionais brasileiros e tropicais como expressão de nosso caráter. A ênfase conferida à tradição neutraliza os excessos dos valores importados, pois colocando-os em um equilíbrio tropicalizante, Freyre encontra a solução para nos mantermos ligados ao nosso passado patriarcal em meio as transformações modernizantes.

* - Na perspectiva de Gilberto Freyre o regionalismo, talvez possa ser considerado, de alguma maneira, expresssionista pelo fato de ter se tornado um esforço de renovação cultural mais de dentro para fora do que de fora para dentro. Comentário de Gilberto Freyre sobre o regionalismo. 7ª ed, Recife: I.J.N.P.S, 1996, p. 235-259.

"(...) desejamos que o desenvolvimento da cultura brasileira tome livremente aspectos extra-europeus numa afirmação corajosa do que já denominei de vigor híbrido sociológico, não queremos de modo nenhum - fique este ponto bem claro - o sacrifício de tudo quanto é valor europeu incorporado à nossa vida a substitutos extra-europeus. A cultura nova e, tanto quanto possível, original que desejamos ver desenvolvida no Brasil seria principalmente nova e original pela combinação e harmonização dos valores de origens várias - ameríndia, européia, africana, asiática - dentro das necessidades e das

condições do meio brasileiro e por obra e graça da cruzamento de sangues e de interpenetração de culturas diversas, considerada a luso-cristã a decisiva, embora de modo nenhum a exclusiva."
(FREYRE, 1973; 133-134)

A crítica freyriana aos valores importados não se funda no seu simples caráter estrangeiro, mas sim em sua vocação inflexível e excludente, incapaz de conviver de forma harmônica com a tradição patriarcal que ordena a vida nacional em um equilíbrio de antagonismo. Daí porque Ricardo Benzaquem acredita que

"(...) quando Gilberto defende a nacionalidade, o que está efetivamente em jogo não é uma substância específica, mas aquela maneira particularmente híbrida e plástica de combinar as mais diferentes tradições sem pretender fundi-las em uma síntese completa e definitiva: antagonismos em equilíbrio". (ARAÚJO, 1994; 137)

O caráter híbrido da sociedade brasileira harmoniza os antagonismo de cultura e de raças em um equilíbrio contínuo, no entanto, a transplantação de valores europeus rompe tal equilíbrio, pois esses valores importados são incapazes de conviver em harmonia com que quer que se

desvie do seu metódico padrão linear (ver **ARAÚJO**, 1994; 132-152).

Sobrepor a experiência européia e norte-americana ao ambiente tolerante da casa-grande & Senzala é diluir a solda histórica que une as experiências do pré-brasileiro à vida cotidiana de cada um de nós, isto é, romper o tempo trípico no qual o presente projeta o futuro através da harmonia de nosso passado patriarcal.

"Há assim um passado com qualidade de permanência, uma tradição com qualidades de permanência, que não é bem um passado ou uma tradição morta, mas uma força, que se renova e continua". (Diário de Pernambuco, Recife. 09.02.1926/70 anos do Congresso Regionalista do Recife, 1996 - p. 116)

Essa força viva que emana do passado colonial brasileiro e se renova na existência cotidiana de cada um de nós, não pode ser suprimida em favor da estandardização modernizante que toma conta do Brasil. O caráter rígido, inflexível e acima de tudo excludente que marca a reconquista européia do Brasil nos princípios do século XIX (ver **FREYRE**, 1985; 308-351), anula as qualidades híbridas da nossa cultura, em outras palavras, o ambiente tolerante entre as culturas e as raças que possibilita harmonizar e equilibrar os antagonismos presentes na vida colonial brasileira vão aos poucos desaparecendo em favor de valores descolados de nossa experiência histórica.

"A cultura da cidade transplantou valores urbanos europeus e/ou norte americanos, sem criar um gabarito para sua adaptação às condições nacionais. Essa importação, sem critério, mata as tradições, nada conseguindo construir em seu lugar". (BASTOS, 1986a; 221)

Para Gilberto Freyre a experiência histórica de nosso passado colonial, oligárquico e patriarcal resultou em uma maneira particularmente híbrida e plástica de combinar as mais diferentes tradições culturais em um ambiente social equilibrado, daí porque não podemos sobrepor a essa tradição de tolerância e equilíbrio um conjunto de valores inflexíveis e excludentes resultantes da experiência européia e norte americana.

"(...) O Brasil tem em si recursos extraordinariamente plásticos sobre os quais o brasileiro poderá levantar uma cultura nova e original, em que se harmonizem antagonismos até hoje em conflito noutros países". (FREYRE, 1973; 172)

Nessa perspectiva é que Gilberto Freyre fundamenta o manifesto regionalista, movimento que tem como uma de suas metas reabilitar os valores regionais e tradicionais do Nordeste e do Brasil contrapondo-se ao excesso de estrangeirices do qual o país é vítima.

"O caminho indicado pelo bom senso para a reorganização nacional parece ser o de dar-se, antes de tudo, atenção ao corpo do Brasil, vítima, desde que é Nação das estrangeirices que lhes têm sido impostas, sem nenhum respeito pelas peculiaridades e desigualdades da sua configuração físico social". (FREYRE, 1996a; 50)

Ao reabilitar os valores regionais e tradicionais, o movimento regionalista não quer excluir os valores estrangeiros da vida brasileira, sua reação é contra a servil imitação do modo de vida europeu e norte americano incorporados pela sociedade brasileira como modelos (ver ARAÚJO, 1994, 132-152) exclusivos de organização da vida, isto é, o caldo cultural múltiplo e

equilibrado que caracteriza historicamente a vida nacional vai aos poucos se estandardizando.

“O que importa numa como nova e vigorosa atualização, através de expressões populares, do que vem sendo, há meio século, um movimento ou sentido de resguardar-se, no Brasil, quanto é significativamente regional e tradicional na cultura e na própria vida nacionais, de dissolução num vago cosmopolitismo ou numa incaracterística estandardização segundo modelos europeus ou ianques dos chamados modernos”. (FREYRE, 1996c; 100)

O que na verdade está em jogo para Gilberto Freyre é um princípio de sociabilidade marcada pela tolerância, resultado histórico do amálgama das raças e culturas. Para Freyre, essa cultura híbrida concilia os antagonismos em um contínuo equilíbrio ao longo de nossa história, daí porque a incorporação de valores estrangeiros, sem nenhum critério, rompe tal equilíbrio. Desse ponto de vista, a reabilitação da tradição é a garantia da consciência histórica de nossa cultura face as transformações que a modernidade nos impõe. Esse culto à tradição é um meio de nos transformarmos sem rupturas com nosso passado patriarcal (ver BASTOS, 1986a; 133-163), isto é, manteríamos em meio as mudanças o núcleo de nossa organização social, derivado da experiência histórica da família patriarcal que coordenou o processo de fusão das culturas e raças em solo tropical, frente a individualização burguesa da vida social a qual estamos submetidos.

Para Gilberto Freyre a arquitetura que alguns brasileiros vêm realizando demonstra que é possível conciliar valores tradicionais brasileiros e valores modernos.

“Aquilo que os melhores arquitetos brasileiros de hoje estão conseguindo fazer com êxito é demonstrar que é possível construir edifícios totalmente modernos que conservam ao mesmo tempo, formas patriarcais, personalísticas e familiares do passado brasileiro: algo de um passado que representa longo processo de adaptação de valores europeus a condições tropicais”. (FREYRE, 1971; 216)

A maior expressão dessa arte de conciliar os valores da arquitetura colonial brasileira com os modernos se encontra em obras de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e de Henrique Mindlin. Para Freyre essa conciliação é possível porque

“(...) Na velha arquitetura brasileira - resultante de um processo de adaptação de valores europeus aos trópicos, processo que se desenvolveu através de vários séculos - existiam já, em potencial, soluções adequadas aos problemas atuais”. (FREYRE, 1971; 223)

As civilizações modernas e industriais que tendem a uma vida pública e coletivista se opõem ao mundo doméstico e privado que caracteriza a tradição patriarcal que deu forma a um estilo não só de arquitetura, mas também de vida brasileira. Nesse sentido Gilberto Freyre acredita que o aspecto doméstico e privado da arquitetura tradicional brasileira, pode amenizar os excessos de uma vida moderna, passada publicamente em estádios, cinemas, teatros, e igrejas, ou em longas horas em fábricas, oficinas, escritórios, e outros lugares de atividades públicas (ver FREYRE, 1996a; 70). A conciliação dos valores domésticos que caracterizam a arquitetura tradicional brasileira com os modernos, resulta em uma vida mais equilibrada,

o que de certa forma recompõe a hybris marca de nossa cultura.

Vale a pena, inclusive, assinalar que é precisamente no contexto dessa discussão sobre a arquitetura tradicional brasileira que Gilberto Freyre vai apontar o mucambo como uma resposta inteligente do homem situado às condições do ambiente, do clima e da paisagem tropical.

“O mucambo higienizado, com saneamento e piso, parece ser solução inteligentemente ecológica e econômica do nosso problema de habitação proletária do Norte do país. (...) solução inteligente não só dentro de nossos recursos econômicos imediatos como de acordo com o ambiente, o clima, a paisagem regional”. (FREYRE, 1985; 232-233)

O mucambo, assim como a casa-grande e o sobrado, é uma arquitetura que simboliza importante vitória humana sobre um tipo não-europeu de espaço: o espaço tropical. O mucambo tem lições preciosas a ensinar aos arquitetos, aos higienistas e aos artistas. Enfim, o mucambo é um valor regional e por extensão, um valor brasileiro, e, mais do que isso, um valor dos trópicos já que se harmoniza com o meio ambiente como nenhuma outra construção (Ibid, 53-54).

O que importa ressaltar aqui é a defesa dos valores e das tradições fortalecidas por um como vigor híbrido sociológico vindo do contato de várias culturas admitidas todas com maior ou menor franqueza, maior ou menor fraternidade, mas sempre admitidas (ver FREYRE, 1973; 141-172).

"O Brasil tem reunido sempre a pluralidade de etnias e culturas. E esta lhe tem permitido crescer dentro daquelas linhas essencialmente portuguesas de unidade, sem esterilizar-se na uniformidade, na monotonia, na igualdade dos sistemas filípicos de pátrias feitas geometricamente e à força; de povos engrandecidos em impérios aparentemente maciços à custa da espontaneidade criadora, fluída, ardente de suas regiões ou de suas províncias; de continentes desenvolvidos rapidamente em forças mundiais pelo puro progresso técnico ou pela simples ficção política da unidade, com sacrifício das reservas de profundidade poética, de densidade folclórica e de originalidade cultural de suas ilhas". (FREYRE, 1973; 162)

A mística do progresso embutido em uma modernização sem critérios obstruí todas as fontes de cultura, estancando assim os elementos ameríndios e africanos de nossa vida e de nossa paisagem social. É contra esse ideal de exclusividade em nossa vida, em nossa cultura, em nosso sangue e em nossa paisagem que Gilberto Freyre se contrapõe (Ibid, 133-140). No entanto isso não significa rejeitar todo e qualquer valor europeu, mas absorvê-los como uma contribuição para o vigor híbrido de nossa cultura (ver ARAÚJO, 1984; 132-152).

"O que vem acontecendo na indústria, na criação de gado e na agricultura do Brasil - sua modernização sem prejuízo de sua tropicalidade - também ocorre em relação a outras atividades humanas que fazem parte de uma civilização ou de uma cultura". (FREYRE, 1971; 130)

Nessa perspectiva, para Gilberto Freyre, as transformações se realizam sem rupturas (ver BASTOS, 1986a; 266-278), isto é, devemos nos tornar modernos sem perder de vista a tradição familiar que foi, durante

quatro séculos, o centro do desenvolvimento de um novo tipo de civilização tropical: a brasileira. A cultura brasileira como resultado do sistema patriarcal de família, se mantém, mesmo diante das transformações modernas, como matriz de nossa organização social. Daí porque, se nos abandonarmos aos valores estrangeiros, sem nenhum critério, perderemos o sentido histórico de nossa cultura que é resultado da experiência humana em espaços tropicais.

Tudo indica que a revalorização da tradição seja a chave para a conciliação entre o passado e o presente a fim de preservar continuamente no futuro o vigor híbrido que equilibra os antagonismos de nossa cultura.

2. Regionalismo e Conciliação

Vimos na última seção como Gilberto Freyre reabilita os valores tradicionais face aos estrangeiros. Esse culto à tradição se justifica pelo fato de que esses valores são resultados do amálgama de etnias e culturas, expressando assim um ambiente tolerante e harmonioso marcado por uma profusão de cores e por uma vida exuberante. Essa cultura híbrida se acinzentava à medida que os valores europeus e modernos, marcados pela ordem, pela coerência e pela uniformidade, vão assumindo um papel central na vida nacional e regional (ver ARAÚJO, 1994; 107-184). A partir desse debate o regionalismo assume uma dimensão crucial na obra de Gilberto Freyre.

“É através da discussão sobre o tradicional e o moderno que análise do trópico assume, em Gilberto Freyre, a dimensão regionalista. Ao mostrar a singularidade do regional propugna a necessidade de uma específica direção política eco-sócio-cultural para o Nordeste”. (BASTOS, 1986a; 237)

Gilberto Freyre não só propugna uma direção política específica para o Nordeste, como também para o Brasil, pois a partir da questão regionalista, repõe a questão nacional (ver **BASTOS**, 1986b; 64). Não é sem sentido que Gilberto Freyre afirma no manifesto regionalista que

“(…) De regiões é que o Brasil sociologicamente, é feito, desde de seus primeiros dias. Regiões naturais a que se sobrepuseram regiões sociais. De modo que sendo esta a sua configuração, o que se impõe aos estadistas e legisladores nacionais é pensarem e agirem inter-regionalmente. É lembrarem-se sempre de que governam regiões e de que legislam para regiões interdependentes, cuja a realidade não deve ser esquecida nunca pelas ficções necessárias, dentro de seus limites, de ‘UNLÃO’ e de ‘ESTADO’. O conjunto de regiões é que forma verdadeiramente o Brasil. Somos um conjunto de regiões antes de sermos uma coleção arbitrária de ‘estados’, uns grandes outros pequenos, a se guerrearem economicamente como outras tantas bulgárias, sérvias e montenegros e a fazerem as vezes de partidos políticos - São Paulo contra Minas, Minas contra Rio Grande do Sul - num jogo perigosíssimo para a unidade nacional”. (FREYRE, 1996a; 50-51)

Essa citação sintetiza o diagnóstico de Gilberto Freyre sobre os problemas nacionais, ao mesmo tempo que procura equacioná-los a partir das regiões, verdadeira configuração da Nação brasileira. Ora, é exatamente para solucionar o processo de balcanização da união, derivado da adoção do princípio federalista pela república, que Gilberto Freyre propõe um ajuste

nacional em termos regionais e inter-regionais, essa nova conciliação se fazia necessário porque

“Com a república - esta ianquizada - as províncias foram substituídas por estados que passaram a viver em luta entre si ou com a união, impotente, nuns pontos, e noutros, anárquica: sem saber conter os desmandos para-imperiais dos estados grandes e ricos, nem policiar as turbulências balcânicas de alguns dos pequenos em população e que deviam ser ainda territórios e não, prematuramente, estados”. (FREYRE, 1996a; 50)

Esse processo de balcanização da vida nacional ocorre basicamente em virtude do esquecimento das regiões pelos estadistas e legisladores brasileiros, uns preocupados com os direitos dos estados, outros com a ‘união’. Quando na verdade é regionalmente que o Brasil deve ser administrado (ver FREYRE, 1996a; 51). O regionalismo assume uma tarefa de inspirar uma nova organização para o Brasil, na qual possam se conciliar valores regionais e universais, agrários e urbanos, tradicionais e modernos compatível com o caráter tolerante e equilibrado de nossa cultura. Nesse aspecto o regionalismo não pode ser acusado de bairrismo e anti-universalismo.

“A maior injustiça que se poderia fazer a um regionalismo como o nosso, seria confundi-lo com o separatismo ou com o bairrismo. Com anti-internacionalismo, anti-universalismo ou anti-nacionalismo. Ele é tão contrário a qualquer espécie de separatismo que, mais unionista que o atual e precário unionismo brasileiro, visa a superação do estadualismo, lamentavelmente desenvolvido aqui pela república - este sim, separatista - para substituí-lo por novo e flexível sistema em que as regiões, mais importante que os estados, se completem e se

integrem ativa e criadoramente numa verdadeira organização nacional. Pois são modos de ser - os caracterizados no brasileiro por suas formas regionais de expressão - que pedem estudos ou indagações dentro de um critério de inter-relação que ao, mesmo tempo que amplie, no nosso caso, o que é pernambucano, paraibano, norte-rio-grandense, piauiense e até maranhense, ou alagoano ou cearense em nordestino, articule o que é nordestino em conjunto com o que é geral e difusamente ou vagamente americano". (FREYRE, 1996a; 49-50)

Através do regionalismo o Brasil pode se reorganizar de forma mais flexível, isto é, por meio de suas regiões pode alcançar uma unidade, sem esterilizar-se na uniformidade, na monotonia e na ordem das sociedades industriais modernas. Um Brasil regionalista seria um Brasil não dividido, mas respeitando-se nas suas diversidades e coordenando-as num alto sentido de cultura nacional. Um Brasil livre de tutelas que tendem a reduzir a feudos certas regiões (ver FREYRE, 1996c; 110). Não podemos deixar que os valores europeus e norte-americanos uniformizem nossa vida e nossa cultura à custa da espontaneidade criadora, fluida, ardente de nossas regiões. No entanto, o autor coloca o problema regional sem dar-se conta de que interesses particulares atravessam a política.

"É interessante notar-se que a colocação do problema se faz como se a questão regional, e mesmo a formulação da questão nacional, pairasse acima de qualquer interesse, como se o regionalismo fosse um movimento apolítico. A inspiração da nova organização para o país paira acima da pretensão de comandá-la, de dirigir o processo transformador". (BASTOS, 1986b; 66)

É a aparente neutralidade do movimento regionalista que garante o espaço político das idéias de Gilberto Freire. A ciência encobre a posição ideológica e o conjunto de interesses que estão por trás dos problemas regionalistas formulados no contexto das transformações urbanas e industriais que marcam as décadas de 20 e 30. O regionalismo é uma forma de inserir as forças agrária-tradicionais no novo bloco de poder (ver **BASTOS**, 1986b; 66).

Em Gilberto Freyre o ponto de vista regional, considerado preliminar para o estudo de história, de sociologia ou de antropologia, privilegia a vida íntima. É no espaço doméstico da experiência existencial do pré-brasileiro que a tradição deita raízes profundas e adquire maior resitência (ver **AZEVEDO**, 1962; 64-73); nesse sentido, o Nordeste foi a base física não simplesmente de uma economia ou de uma civilização regional, mas da própria nacionalidade (ver **FREYRE**, 1937; 29).

“Talvez não haja região no Brasil que exceda o Nordeste em riqueza de tradições ilustres e em nitidez de caráter. Vários de seus valores regionais tornaram-se nacionais depois de impostos aos outros brasileiros menos pela superioridade econômica que o açúcar deu ao Nordeste durante mais de um século do que pela sedução moral e pela fascinação estética dos mesmos valores”.
(**FREYRE**, 1996a; 52)

A região Nordeste ganha um papel de destaque na dinâmica da cultura brasileira, pois a civilização do açúcar que dominou a faixa litorânea do Nordeste, no período decisivo da formação brasileira, nos legou valores essenciais de nossa vida. O Nordeste é uma região que contribuiu para dar a cultura brasileira autenticidade e originalidade.

O Nordeste como espaço social mais antigo da vida nacional, plasmou através da casa-grande e da senzala, dos sobrados e dos mucambos, um conjunto de valores dotados de qualidade transregional à medida que todo brasileiro se identificaria com eles. Sobre a tutela da família patriarcal, raças e culturas se fundiram nos espaços da casa-grande e senzala. Nesse espaço rotineiro da vida doméstica, Gilberto Freyre mergulha para descrever os hábitos, os regimes alimentares, a vida sexual, o cochicho das velhas cozinheiras que nos deixaram suas receitas, a distribuição dos trabalhos entre os sexos, enfim um quadro vivo de nosso passado do qual não estamos desligados.

"A verdade é que foi no extremo Nordeste e no recôncavo baiano - nas suas melhores terras de barro e humos - que primeiro se fixaram e tomaram fisionomia brasileira, os traços, os valores, as tradições portuguesas que junto com as africanas e a indígenas constituíram aquele Brasil profundo, que hoje sente ser o mais brasileiro". (FREYRE, 1937; 29)

O Nordeste do massapê nos deu o tipo social mais característico, o cabra, assim como os tipos de casa, que tem no mucambo e na casa-grande sua maior expressão.

Com todos os seus excessos e exageros mórbidos, a civilização do açúcar do litoral nordestino deu ao Brasil alguns dos maiores valores de culturas, que se encontram diluídos ou distribuídos por outras regiões.

"Mas foi justamente essa civilização nordestina do açúcar - talvez a mais patológica, socialmente falando, de quantas floresceram no Brasil - que enriqueceu de elementos mais característicos a cultura brasileira. O que nos faz pensar nas ostras que dão pérola". (FREYRE, 1937; 219-220)

A reconstrução do passado regional nordestino através do método genético e ecológico, não é a busca de um tempo perdido, mas um meio de conciliar os setores agrários tradicionais do Nordeste com as novas forças urbano-industriais emergentes no plano nacional na década de 30. Não se trata de uma reconstrução histórica sem objetivo claro e sim de uma reflexão que trata dos termos de conciliação com o novo bloco de poder. Nesse sentido é que para Élide Rugai Bastos.

"O ufanismo (freyriano) nada tem de ingênuo. Lembrar, na década de 30, o papel desempenhado pelo Nordeste e seus homens, é assumir tarefa política bem definida, no bojo de um processo de conciliação". (BASTOS, 1986a; 242 - 243)

Ao compreender a nação como soma de raças, culturas, grupos e famílias, Gilberto Freyre dilui a possibilidade de se entender o social como contraditório. A interpenetração de contrários harmoniza a vida social e cultural brasileira em um equilíbrio de antagonismos. A acomodação no campo cultural requer o amalgamento no campo étnico e biológico, esse processo foi alcançado no Brasil em virtude da extensa miscigenação que ocorre em seu território.

"Por esse motivo as tensões no Brasil não se explicam em termos de conflitos que emergem em movimentos sociais. Em outros termos, nossa história se dá sem rupturas; é uma história pacífica". (BASTOS, 1986b; 74)

A reabilitação dos valores regionais e tradicionais, é o reconhecimento que eles possuem em si um sentido de contemporização, de acomodação capaz de os conciliar com as transformações em curso no Brasil nas décadas de 20 e 30. A compreensão das relações tradicionais que marcam a formação brasileira, torna possível a conciliação entre os setores agrários tradicionais e urbano-industriais emergentes naquele período. Eis aí, como o discurso científico de Freyre se transubstância em discurso político, aliás, é nesse sentido que seu pensamento se torna um componente fundamental do bloco de poder que se forma a partir da década de 30.

3. Persistência da Tradição

O declínio e a sobrevivência de um estilo de vida familiar, resultante do patriarcalismo, da monocultura latifundiária/escravocrata e da contemporização das raças e culturas que dominou largamente a vida brasileira durante quatro séculos, é um tema recorrente na discussão de Gilberto Freyre sobre o tradicional e o moderno nos trópicos. Desde os artigos de jornais, passando pelo manifesto regionalista, *Casa-grande & Senzala*, *Sobrados e Mucambos*, *Nordeste*, até suas últimas obras, Gilberto Freyre se interroga sobre a possibilidade de sobrevivências de valores culturais tradicionais em meio as transformações modernizantes que impõem novas

condições e necessidades para os brasileiros.

"A família, sob a forma patriarcal, ou tutelar, tem sido no Brasil uma dessas 'grandes forças permanentes'. Em torno dela é que os principais acontecimentos brasileiros giraram durante quatro séculos; e não em torno dos reis ou dos bispos, chefes de estado ou de chefes de igreja. Tudo indica que a família entre nós não deixará completamente de ser a influência se não criadora, conservadora e dissimuladora de valores, que foi na sua fase patriarcal. O personalismo do brasileiro vem de sua formação patriarcal ao mesmo tempo que cristã - um cristianismo colorido pelo islamismo e por outras formas africanas de religiosidade inseparáveis da situação familiar da pessoa; e dificilmente desaparecerá de qualquer de nós. Sob forma nova, que lhe permita resistir à pressão de forças hoje mais poderosas do que ela, e adaptar-se a novas circunstâncias humanas, a família, no Brasil, tende a desenvolver-se com a igreja, a cooperativa, a comuna, o sindicato, a escola, num órgão de renovação e de descentralização de poder, numa sociedade, como a nossa, ainda impregnada de sobrevivências feudais e tutelares. Como família patriarcal, ou poder tutelar, porém, a energia da família está quase extinta no Brasil; e sua missão bem ou mal cumprida. Suas sobrevivências terão, porém, vida longa e talvez eterna não tanto na paisagem quanto no caráter e na própria vida política do brasileiro". (FREYRE, 1985; XC-XCI)

O argumento de Gilberto Freyre aponta para o fato de que mesmo sobre pressão das transformações urbano/industriais, que modificam drasticamente a paisagem social e cultural brasileira nos anos 20 e 30, alguns valores tradicionais permanecem à medida que se adaptam às novas circunstâncias. Aliás, por meio da reabilitação dos valores tradicionais, Gilberto Freyre, procura perceber o sentido histórico-sociológico de sua persistência, a fim de criticar a imitação passiva dos valores estrangeiros, ou

melhor, uma modernização sem critérios que toma conta do país. Desta forma pôde justificar o valor da tradição para a ordem social brasileira, visto que, sua persistência mantém a ordem social em meio ao progresso modernizante advindo de uma outra experiência histórico-social.

É exatamente nesse sentido que para Gilberto Freyre o brasileiro é um ser ideal para sobre a constante familialista do seu comportamento desenvolver uma civilização que ao sentido telúrico una o afã progressista, conciliando valores urbanos e agrários através daquela unidade civilizadora e civilizada que a família representa para nós brasileiros. A família é vista como uma ordem civilizadora e estabilizadora, expressão de um senso mais ou menos grave de ordem (ver FREYRE, 1985; XXXIV). A família como unidade social básica é o ponto de partida para Gilberto Freyre demonstrar a permanência da ordem social e dos valores tradicionais. Em meio ao fluxo das transformações eles se mantêm indelévels.

"De fato, Gilberto Freyre procura mostrar que os elementos do passado, os quais, no Brasil, racionalmente haviam sido banidos da vida pública e oficial, continuaram a desenvolver-se, não retraíram-se para o privado, não permaneceram na periferia da vida dos indivíduos. Continuaram constitutivos do social".
(BASTOS, 1986a; 65)

Para Gilberto Freyre o passado ao se projetar para o futuro se atualiza através do presente, por este motivo perceber o sentido da persistência dos valores tradicionais é tornar inteligível seu papel histórico-social de ordenador da vida social.

"Em outros termos, Gilberto Freyre quer mostrar como a ordem pretérita é constitutiva da ordem presente através das relações sociais, das atitudes da vida e dos modos de pensar, explícito, sobmersos ou latentes que sobreviveram às mudanças". (Idem, ; 67)

Este culto exagerado à tradição é um meio de conciliar a antiga ordem social, fundada na família patriarcal e na tolerância entre raças e culturas que gravitavam em sua órbita, com as novas forças urbano/industriais que emergem das transformações em curso no início do século. O esvaziamento da tradição e de nosso passado híbrido em favor de uma experiência européia, que uniformiza a vida dentro de uma ordem excludente, nos leva a um desequilíbrio, por isso, o estudo do declínio de nossa tradição pode nos revelar o quanto ela se mantém e o quanto ela é útil para a ordem e o equilíbrio da nossa vida social. O caráter híbrido e equilibrado de nossa cultura, que nos afirma como uma civilização extra-européia, se acinzentada diante de uma uniformização da vida imposta pelos valores da civilização européia.

"A nova Europa impôs a um Brasil ainda liricamente rural, que cozinhava e trabalhava com lenha, o preto, o pardo, o cinzento, o azul-escuro de sua civilização carbonífera. As cores do ferro e do carvão; o preto e o cinzento das civilizações 'Paleotécnicas' de que fala o professor Mumford; preto e cinzento dos fogões de ferro, das cartolas, das botinas, das carruagens do século XIX europeu". (FREYRE, 1985; 311)

Esse declínio que marca a reeuropeização do Brasil no século XIX é estudado por Gilberto Freyre a fim de compreender não só as transformações

e a decadência do patriarcalismo, como também, para demonstrar que algumas de suas características se esquivam das mudanças em curso e persistem na ordem social, isto possibilita, uma conciliação dos valores agrários/patriarcais com os burgueses/urbanos. Além, é claro, de manter uma continuidade histórica da vida social brasileira, onde as mudanças ocorrem sem rupturas.

Para Ricardo Benzaquen o cenário de ruínas que evidenciam o declínio senhorial descrito em *Sobrados e Mucambos*, por Gilberto Freyre, deve ser tomado com uma certa cautela.

“Não é que devemos desconfiar da extensão e da profundidade das transformações recém-apresentadas, capazes de estabelecer o predomínio do sobrado, do comércio, da monarquia e até alguma civilidade burguesa no Brasil do século XIX. Sucede apenas que, pouco a pouco, ao longo de sua argumentação, nosso autor vai chamando a atenção para a persistência de determinados componentes da tradição colonial, os quais obviamente relativizam aquelas alterações e exigem que a sua discussão seja - brevemente - prolongada”. (ARAÚJO, 1994; 115)

O argumento parece nos remeter a uma continuidade histórico-social da ordem familiar que se concilia com os valores burgueses-liberais reequilibrando os antagonismos em meio as transformações. É nessa ótica que Élide Rugai Bastos afirma que para Gilberto Freyre

“(...) O principal elemento que garante a permanência do sistema patriarcal é sua plasticidade, seu ecletismo, permitindo a conciliação de interesses aparentemente conflitantes: conservadores e liberais”. (BASTOS, 1986a; 144)

O cenário em ruínas que emerge das páginas de Sobrado e Mucambos é um meio de reiterar a necessidade da ordem patriarcal, pois o equilíbrio da ordem familiar tem como consequência a estabilidade nacional (ver BASTOS, 1986a; 125). Essa fórmula de resgatar ou reabilitar as tradições através do estudo do seu declínio aparece também em Nordeste. A degradação imposta pela usina na paisagem natural e social aponta para a necessidade de reabilitação dos valores da civilização do açúcar.

“Com todos os seus defeitos, a civilização do açúcar que se especializou ou antes, se exagerou no Nordeste do Massapê, e dentro do Nordeste, em Pernambuco - seu foco, seu centro, seu ponto de maior intensidade - em civilização aristocrática e escravocrata, - deu ao Brasil alguns dos maiores valores de cultura, hoje caracteristicamente brasileiros, dissolvidos noutras civilizações, distribuídos por outra área, diluídos noutros estilos de vida, mas com a marca de origem ainda visível a olho nú. Outros valores não sofreram transformações e morreram; ou existem só em resíduos muito vagos.” (FREYRE, 1937; 219)

O declínio econômico dos engenhos e do estilo de vida senhorial, não dilui uma tradição marcada por sua capacidade de contemporização, o caráter plástico desses valores tradicionais concilia-os com as novas condições sociais resultantes das mudanças em curso na década de 30. O argumento de Gilberto Freyre ganha cunho político no âmbito da conciliação entre as forças agrárias tradicionais e os setores urbano/industriais, à medida que retoma a tradição senhorial como marco da nacionalidade brasileira.

A família patriarcal desempenha um papel conciliador, plástico e ordenador da vida social. É ele que permite sua sobrevivência em meio às

transformações, já que pode se ajustar às novas situações sociais conciliando-se a valores modernos e liberais, sem perder seu caráter ordenador da vida social. É esse sentido plástico que permite sua continuidade histórico-social, por isso não se apresentam rupturas em nossa história, as transformações ocorrem por meio de conciliações, ou seja, o progresso é alcançado dentro da ordem. Nessa perspectiva Gilberto Freyre acredita que ao se projetar para o futuro o passado se atualiza através do presente.

CAPÍTULO IV

AMAZÔNIA: INTEGRAÇÃO E CONCILIAÇÃO

Na obra de Gilberto Freyre, o drama histórico-sociológico se desenrola, como sempre, entre duas forças, casa-grande e senzala, sobrados e mucambos, passado e presente, tradicional e moderno, cuja a relação a astúcia do tempo concilia em novos arranjos societários capaz de manter viva nossas raízes. Após verificarmos como o argumento da conciliação aparece na obra de Freyre, buscamos situar esse mesmo argumento em alguns momentos da obra de Leandro Tocantins.

O regionalismo e a luso tropicologia, juntamente com o método genético-ecológico, são as condições de exercício da conciliação, isto porque a aparente neutralidade científica do movimento regionalista encobre uma posição política.

“Em outros termos, é a aparente neutralidade do movimento que lhe garante o espaço político. (...) O discurso aparentemente apolítico mostra que a unidade dos setores dominantes industriais e agrários é fundamental porque, enquanto um projeta ao futuro, o outro se enraíza no passado; o presente é a articulação de ambos.” (BASTOS, 1986b; 66-67)

O que inspira e ilumina tanto Gilberto Freyre quanto Leandro Tocantins a formularem uma nova política para a organização do Brasil, do Nordeste e da Amazônia respectivamente, é o domínio da ciência. Ela é a

garantia de que a questão regional, e mesmo a questão nacional, está acima de qualquer interesse político. Nesse sentido Leandro Tocantins e Gilberto Freyre são duas figuras marcadas pelo destino de conciliar os valores regionais e tradicionais com as transformações sociais, econômicas, culturais e políticas em suas respectivas regiões.

1. Natureza, Cultura e Tradição

O regionalismo, a luso-tropicologia, o critério genético e o ecológico são os recursos analíticos utilizados por Leandro Tocantins para compreender o homem situado no espaço amazônico. Da mesma forma que Gilberto Freyre, o autor paraense interpreta e analisa a história regional amazônica em função da plasticidade lusa (mobilidade, miscibilidade e aclimatabilidade); essas características se condensam em uma predisposição psico-social e sócio-cultural dos portugueses em fixar-se e integrar-se aos trópicos.

A história da conquista e da colonização portuguesa na Amazônia é interpretada como um ajuste ecológico de pessoas, grupos e instituições as condições naturais daquela região. O meio ambiente amazônico, sendo distinto das condições naturais do litoral nordestino, não comportou a empresa açucareira.

"A terra, ao contrário dos massapés nordestinos (...) negara a cultura de um produto imperial, com ascendência econômica, centralizando as atividades humanas, fazendo o homem parar, construir a casa sólida, organizar família." (TOCANTINS, 1982; 24)

Daí porque a Amazônia foi inserida na dinâmica da economia mercantilista como um imenso empório de matérias-primas aberto à exploração extrativa (ver REIS, 1978). A densidade de suas florestas e rios não só condicionaram a atividade econômica extrativa, como também o complexo cultural amazônico.

O espírito plástico da gente lusa, compreendendo a realidade do complexo ecológico amazônico, deixou-se levar pelas sugestões da natureza (ver TOCANTINS, 1982). A atividade econômica extrativa é vista por Leandro Tocantins como uma acomodação do homem ao meio ecológico tropical, o resultado desse processo é um equilíbrio biossocial. O pressuposto dessa análise é o método genético-ecológico formulado por Freyre e adotado por Leandro Tocantins para analisar a vida social no extremo norte.

"Gilberto Freyre, com a sensibilidade de sociólogo ecologista, adverte que a ocupação humana do espaço não nos permite ser rigorosamente fisicistas, ou naturalistas, no estudo sociológico de uma região. E que se deve considerar como valores do ponto de vista humano e relativos a condições regionais de vida e de economia - rios, composições do solo, animais, vegetais, minerais." (TOCANTINS, 1982; 51)

Seguindo as orientações sócio-ecológicas desenvolvidas por Gilberto Freyre em "Nordeste", Leandro Tocantins acredita que nenhum

problema é mais profundamente ecológico, e ao mesmo tempo sociológico, que adaptação do homem ao meio físico e ao conjunto de condições de solo, de vegetação e de vida animal, dentro dessas condições naturais é que o homem vai estabelecer sua posição social: portador, transformador, deformador e renovador da cultura e de instituições (ver FREYRE, 1945;448).

Nessa perspectiva Leandro Tocantins observa que os fatores naturais da Amazônia concorreram, em maior ou menor escala, para a organização dos agrupamentos humanos no espaço, os quais pelas suas necessidades de vida extraem da natureza fontes de subsistência e de utilidade prática no meio social.

A conquista e a colonização da Amazônia assumem a dimensão de uma epopéia das águas onde os rios são cúmplice maior da vida cultural e econômica que marcam decisivamente a região. Como símbolos culturais, os rios são os teares mitológicos de onde emergem inúmeras lendas que povoam o imaginário e a memória coletiva do trópico úmido. Das águas amazônicas surgem os botos, as iaras, as cobras grandes e uma infinidades de outras entidades que habitam o imaginário local; como valores econômicos e meios de comunicação os rios foram aliados do tipo litorâneo de colonização que os portugueses estavam habituados, ajustando-se assim a mentalidade lusa de fundar cidades no litoral ou nas margens dos rios navegáveis.

“A facilidade das comunicações por via marítima e, à falta desta, por via fluvial, tão menosprezada pelos castelhanos, constituiu pode-se dizer que o fundamento do esforço colonizador de Portugal. Os regimentos e forais concedidos pela Coroa Portuguesa, quando

sucedida tratarem de regiões fora da beira-mar, insistiam sempre em que os povosassem somente as partes que ficavam as margens das grandes correntes navegáveis, como o rio São Francisco. A legislação espanhola, ao contrário, mal se refere à navegação fluvial como meio de comunicação; o transporte dos homens e mantimentos podia ser feito por terra.” (HOLANDA, 1995: 104).

Como se percebe, o esforço criador do homem na Amazônia obedeceu em parte o ritmo das águas; os rios foram decisivos para uma atividade econômica, que exigia uma mobilidade contínua dos homens, como o extrativismo. Sem as vias fluviais que cortam toda a região, seria muito difícil a penetração dos homens e, conseqüentemente, a exploração econômica extrativa, visto que não basta a floresta oferecer em abundância as especiarias tão cobiçadas no mercado europeu, sendo necessário, também condições para coletar e transportar tais especiarias. Sem os rios navegáveis a economia extrativa não teria obtido êxito na região amazônica.

“A atração dos rios; não pela água em si, mas pelo caminho que oferece. Numa forma de atividade em que as fontes de produção se dispersam irregularmente, sem pontos de concentração apreciável, não são elas, como se deu na agricultura ou na mineração, que fixam o povoador; mas sim a via de comunicação. Não é esta que procura aquele, como acontece normalmente; mas o inverso. Não foi apenas a dificuldade de acesso e ocupação da floresta que fez o colono preferir com exclusividade a margem dos rios; se fosse conveniente, aquela dificuldade teria sido vencida, como foi em outros lugares. Mas por que buscar um lugar afastado da esplêndida via natural que oferecem as “estradas líquidas”, quando em qualquer outro se estaria igualmente ou muito pouco melhor situado como relação a fonte de produção exploradas? A área que um simples colhedor de produtos espontâneos tem de abarcar é por natureza imensa;

mais que isto, ela é variável, porque o esgotamento das fontes não tarda nesta forma primitiva de exploração. A via de comunicação natural e fácil como a que oferecem os cursos d'água constituirá, por isso, o único pólo forte e estável de atração do povoamento.” (PRADO JÚNIOR, 1987; 72)

A economia extrativa exigia do colonizador português um novo modo de vida que não era igual ao das outras regiões da colônia brasileira. A colonização horizontal que ela imprimiu no norte - oposta a colonização vertical que dominou o litoral nordestino - exigia dos homens uma mobilidade contínua. Os colonizadores horizontais eram dominados por um espírito de aventura e um amor à liberdade individual fortes demais para que se contentassem em ficar no litoral e viver confortavelmente perto das igrejas e dos edifícios públicos. Penetrando no extremo norte em busca de especiarias e índios, escaparam de uma vida sedentária em torno da família e da casa sólida que dominou largamente no litoral nordestino (ver FREYRE, 1971; 57-80).

A economia extrativa, atraindo o homem, o dispersava pela selva, tal atividade econômica requeria grandes energias humanas e um instrumental necessário a longas jornadas. Os portugueses encontraram nos índios a força propulsora necessária para superar os obstáculos da empresa extrativa (ver TOCANTINS, 1982; 119-220). Se os negros foram os pés de boi da civilização do açúcar (ver FREYRE, 1937; 119-220), os índios foram a força motriz da economia extrativa que se desenvolveu no extremo norte.

O ajuste português ao extremo norte é interpretado por Leandro Tocantins a partir do critério genético-ecológico presente na lusotropologia.

Aliás, Tocantins e Arthur César Ferreira Reis são os mestres do lusotropicalismo amazônico. Ambos procuram interpretar a formação histórico-social da Amazônia em função da criatividade lusa e das predisposições biopsíquicas do português de fixar-se e integrar-se nos trópicos. Esse argumento nos revela que as três características - mobilidade, miscibilidade e aclimatabilidade que Gilberto Freyre condensou na idéia de plasticidade - são também chaves para interpretar a colonização portuguesa na Amazônia. Nessa perspectiva o complexo cultural amazônico é visto como resultado de uma atividade econômica que exigia uma constante mobilidade; de uma miscigenação na qual o índio constitui figura central e uma adaptação ao um meio ecológico quente úmido amazônico.

“É claro que os condicionamentos regionais, ou melhor dito, os condicionamentos ecológicos, já em si indicam ou sugerem as fases e os tipos de evolução econômica e social. Muito importante se torna, assim, o processo histórico de ocupação humana que deixou marcas profundas tanto na paisagem geográfica quanto na paisagem cultural (...) O espaço físico social-social amazônico caracterizou-se, desde logo, pela prática do extrativismo florestal, com larga representação através de produtos utilizáveis na Europa. Especiarias, chamavam os cronistas, transpondo para a Amazônia a idéia e a imagem do rico manancial do Oriente, que os portugueses perdiam a favor de Ingleses e Holandeses. Drogas do Sertão, assim denominavam os regionais a todas essas especiarias que a floresta prodigalizava e os rios podiam transportar facilmente. Nesse espaço de economia exclusivamente coletora formou-se uma sociedade bastante diferente das outras áreas ecológicas brasileiras: do Nordeste por exemplo. Uma como sociedade flutuante - no sentido de movimentar-se pelos rios -, móvel, inquieta. Oposta a sedentariedade dos grupos sociais do Nordeste

da cana-de-açúcar. Não tanto dentro de constantes familiaristas, e quase nunca obedecendo ao rígido critério patriarcalista em seus esforços de expansão e desenvolvimento.” (TOCANTINS, 1969; 39 - 40)

A Amazônia aparece na obra de Leandro Tocantins como uma ilha ecológica, diferenciada de outras ilhas ecológicas e culturais que formam o arquipélago Brasil. Dentro dessa interpretação histórico-socio-ecológica da Amazônia, um dos aspectos que mais prende a atenção de Leandro Tocantins é do gênero de experiência de convivência humana que se processou na região a Norte. Diferente de outras partes do Brasil, a composição étnica na Amazônia tem suas raízes quase exclusivamente na mescla do português com o índio. Mas não é só essa distinção étnica que caracteriza o complexo cultural amazônico, ele é resultado, também, do processo econômico extrativo; do longo domínio missionário na região; da estratégia político-administrativa da coroa para o Grão-Pará; e da formação da família que tinha muito pouco daquele rígido patriarcalismo que marcou as famílias do litoral nordestino (ver TOCANTINS, 1969; 38-51).

O aparecimento de uma cultura híbrida na Amazônia deveu-se à força colonizadora do português. Foram os portugueses o único povo europeu que conseguiu se adaptar às condições naturais da Amazônia e fez valer suas constantes culturais juntamente com os índios que habitavam a região.

“Os valores existenciais na Amazônia - o índio, o Português -, em confronto com os valores da natureza - a floresta, o rio, a terra, a luz os ventos -, se correlacionaram, se harmonizaram, produziram um conjunto de valores culturais que emprestam à região essa personalidade singular.” (TOCANTINS, 1969; 40)

Nesses termos, o argumento de Leandro Tocantins nos leva a uma visão idílica da conciliação que permite equilibrar os antagonismo entre raças, culturas e entre os homens e a natureza. O caráter híbrido da cultura amazônica é o resultado da harmonia de valores existenciais - portugueses, indígenas e em menor escala africanos - com o meio ecológico. A conciliação equilibrada entre raças e culturas, assume um papel decisivo para a constituição da tradição e da identidade do homem amazônico (Ibid; 12-22). O sentido da tradição, tal qual em Gilberto Freyre, (ver FREYRE; 1996^a; 45-75) assume um aspecto vivo, criador que anima o tempo presente. Há assim na Amazônia uma tradição com qualidades de permanência, que não é um passado ou uma tradição morta, mas uma força que se renova e continua. Daí porque o único meio dos homens se orientarem para o futuro é tomarem consciência do que foram no passado.

“É preciso vivermos integralmente o espírito de nossa época, alcançarmos sua realidade íntima, e extrairmos do passado as lições, os exemplos, os valores que sejam válidos e eficazes para aventura que vivemos no presente e sua projeção no futuro.” (TOCANTINS, 1969; 13)

Esse culto ao passado, diga-se de passagem, está associado efetivamente às idéias de Gilberto Freyre. Assim como o autor pernambucano,

Leandro Tocantins vê nos valores tradicionais da região Norte um elemento de equilíbrio e permanência. Valores que podemos cultivar com o espírito moderno, deles extraíndo a substância que nos leva a uma transformação sem rupturas. A tradição expressa, no melhor sentido, valores que personalizam a região e o país em suas manifestações de vida tanto material como espiritual.

"Gilberto Freyre explica, ainda, o modo de pensar de seu grupo, quando procurou, ao lado de outros regionalistas, repetir a cópia de modelos europeus para se preocupar com situações brasileiras. 'ora específicas, ora apenas semelhantes, nunca de todo iguais, a européis, e divergindo quanto ao que devesse ser uma ação regionalista em face de certos problemas brasileiro'. Isto não importava, entretanto, em repetir de modo absoluto o Modernismo 'para se tornarem antimodernistas ou sequer, arcaizantes, em suas idéias e atitudes. O Regionalismo-tradicionalista do Recife longe de ser conservador em sua estética foi moderno, revolucionário, inovador. É só considerar a renovação da linguagem brasileira que ele promoveu (os romances de José Lins do Rêgo e os ensaios de Gilberto Freyre são suficientes para provar), o estímulo aos estudos regionais sob moderno critério de ciência social, que estão presentes e atuantes na vida brasileira, e hoje se multiplicam país a fora, em sentido regional. 'Essa riqueza imensa de assimilação de valores não europeus por língua neolatina', reclamava Gilberto Freyre, 'era uma riqueza que o escritor brasileiro tinha a seu dispor, e estava como escritor em situação de ampliá-la, renová-la, modernizá-la, criando novas formas, novas côres, novos sabores verbais, estilísticos, linguísticos, sem se extremar em bizantinices de inovador tão detestáveis com as bizantinices do conservador absoluto'." (TOCANTINS, 1969; 150)

O argumento de Leandro Tocantins reitera as mesmas preocupações presente no pensamento freyriano a respeito da modernização

sem critérios que uniformiza a vida nacional sobrepondo-se a diversidade da cultura regional. Para Tocantins é preciso equilibrar o tradicional e moderno através da revalorização do passado como fonte de criação e renovação da cultura. A resolução para o problema da aceitação de valores modernos, que estão descolados de nossa formação socio-cultural, está em uma retomada da tradição, a fim de mantermos a multiplicidade de expressões que caracterizam nossa cultura. Podemos assim conciliar os valores tradicionais e os modernos em uma fórmula equilibrada.

“Quem poderá negar que os valores tradicionais do Brasil inspiram críticos, artistas, filósofos, escritores, ensaístas e políticos, em suas obras de criação? (...) Na arquitetura, muito sensível em assimilar técnicas e concepções universais, revelam-se criadores de uma arte brasileira, cujos os fundamentos se encontram nos valores tradicionais, mistos de mouros e romanos, para não dizer universalmente luso-tropical (...) No particular da Amazônia, o autor deste livro vem propondo, há vários anos, a arquitetura ecológica Amazônica, adotada no recente governo do professor Arthur Cêzar Ferreira Reis, no Amazonas, e, pouco antes, no Amapá, graças à sensibilidade do arquiteto paulista Oswaldo Bratke, que percebeu lucidamente as vantagens de associar princípios de arquitetura universal a valores regionais, de modo a conseguir feliz harmonização com o clima, o solo, a vegetação, os ventos: a arquitetura ecológica. (...) Que admirável poder de captação de passados e comunicação de presentes possuem esses artistas que sabem harmonizar tradição com modernidade!” (TOCANTINS, 1969; 17 - 18)

O argumento de Leandro Tocantins, semelhante ao de Gilberto Freyre, aponta a necessidade de equilibrar os valores tradicionais com os modernos, isto porque a incorporação de valores estrangeiros descolados de

nossa história e de nossa experiência nos trópicos provocam um desequilíbrio já que arranca os indivíduos do contexto dos seus valores. A revalorização das tradições amazônicas, emerge na obra de Leandro Tocantins num momento onde os setores extrativistas estão encerrando mais um ciclo que marca a decadência desse regime econômico, (ver TOCANTINS, 1982). Neste sentido

“A invenção das tradições preenche o vácuo político resultante da inexistência de vínculos sociais e hierárquicos que estiveram presentes numa ordem social anterior e que não foram substituídos. De certo modo, a tradição vem a ser o rito e o acessório que encobrem a substância das relações sociais. É a forma pela qual mascara-se a presença dos conflitos na sociedade.” (BASTOS, 1986a; 70)

Tudo indica que Leandro Tocantins procura através da revalorização das tradições reequilibrar um cenário em conflitos e em decadência. Daí acredita que para alcançarmos um equilíbrio entre os valores tradicionais e os modernos; e entre homem a natureza, é preciso nos mantermos colados às nossas raízes socio-ecológicas e históricas derivadas da experiência portuguesa, ameríndia e negra no espaço tropical.

“(...) É necessário a preservação da cultura amazônica dentro daquelas constantes que ecologicamente a condicionam ou a caracterizam. Tropicalistas modernos, libertos dos velhos tabus que procuravam retardar ou fazer entender como impossível o progresso nos trópicos, recomendam o emprego inteligente daquilo que eles chamam de vantagens locais. Desprezar o puro e simples emprego de técnicas essencialmente européias e norte-americanas a favor de uma cultura técnica ou especialização científica nos padrões exigidos pelas peculiaríssimas condições de meio. (...) em geral, eles recomendam que aumente a

investigação de operações e a engenharia criativa, sem maiores subordinações a modelos consagrados nos países desenvolvidos..” (TOCANTINS, 1969; 47 - 48)

O quadro descrito acima por Leandro Tocantins expressa sua adesão ao argumento freyriano de que o trópico é o espaço onde os antagonismos se conciliam em harmonia. Nessa perspectiva o autor paraense procura reabilitar os valores tradicionais face à monotonia cultural, à uniformidade e à excessiva estandardização que o industrialismo impõe à cultura brasileira e à vida regional. A conciliação dos valores tradicionais com os modernos é um meio de restaurar o equilíbrio e a tolerância que caracterizam nossa cultura, podemos assim nos modernizarmos sem prejuízo de nossa tropicalidade.

A experiência histórico-social e ecológica da gente lusa, juntamente com o ameríndio e o negro no espaço tropical, resultou em um conjunto de valores plenamente adaptados ao meio, e que ao mesmo tempo concilia as múltiplas expressões étnico-culturais de nosso povo conferindo-lhes um equilíbrio harmonioso. Os valores europeus e norte-americanos, introduzidos sem nenhum critério em nossa vida e em nossa cultura, criam um desequilíbrio, já que são descolados de nossa experiência histórica. Esses valores, modernizantes, nos impõe uma estandardização inflexível, e acima de tudo excludente, incapaz de conviver de forma harmônica com as múltiplas expressões de vida e de cultura que se desvie do seu padrão linear, (ver **FREYRE**, 1985; 308-351).

Os valores tradicionais de nossa cultura, vistos através do regionalismo e da lusotropicologia, trazem em si respostas para alguns problemas atuais; o exemplo claro desse argumento pode ser visto na arquitetura, onde Leandro Tocantins e Gilberto Freyre reverenciam a barraca e o mucambo respectivamente, como uma solução harmoniosa dos homens com o meio.

“As casas estufas de Belém e Manaus são cópias servis de construções do Rio, São Paulo, e até dos Estados Unidos, implantados artificialmente em terras ardentes, sem nenhuma conexão com o meio. Seu afastamento das vocações e sugestões regionais é completo (...) em contraposição, vejamos as barracas da população pobre, herança do tapiri indígena. Muito embora elas aparentemente falta de conforto, às vezes até falta asseio, detalhe creditado às falhas do sistema social, jamais agredem a natureza, sempre se harmonizam com os ventos, com a vegetação, com a água, com o tipo de solo (...) a barraca em sua preza, demonstra uma visível harmonização com o meio tropical amazônico. É um valor regional em que o homem utiliza e valoriza ao máximo a paxiúba, a madeira, a palha, o cipó, facilmente encontrados na mata. Uma habitação ecológica do começo ao fim. Com a sua primitividade e inspiração indígena, a barraca e o (...) barração, não representam motivo de condenação in line (...) representam, sim, fonte de estudos para arquitetos e urbanistas desejosos de criar tipos de habitação que revelem perfeita integração de valores: uma ambiência e um habitat traduzindo a verdade ecológica.” (TOCANTINS, 1972; 322 - 323)

Como podemos notar, os valores tradicionais amazônicos, interpretados por Tocantins através do regionalismo e da lusotropicologia, são segredos de contemporização dos homens com a natureza e dos portugueses com as culturas indígenas e africanas (em menor parte na região Norte). Esse

caráter contemporizador de nossa cultura permite um equilíbrio dos antagonismos existentes em nossa vida social. Porém ao tomarmos os valores europeus e norte-americanos como um modelo inflexível e intolerante, destruimos o caráter conciliador presente em nossa cultura.

Da mesma forma que Freyre, Tocantins procura conciliar os valores tradicionais com os modernos a fim de manter viva a *hybris* que condiciona a profusão de cores em nossa cultura (ver ARAÚJO, 1994; 137). Os valores europeus, norte americanos, industriais e modernos devem ser incorporados à nossa experiência como mais uma contribuição e não como modelo capaz de se por acima da nossa tradição. Empalidecendo as múltiplas expressões étnico-culturais que convivem em equilíbrio no arquipélago Brasil.

"(...) Resgatar os valores regionais, tradicionais, mostrando que o modernismo universalizador que os apaga destrói, ao mesmo tempo, o sentido contemporizador que existe em seu seio. Em outros termos, que cada região encontrou uma específica solução para seus problemas. Modificar esse dado significa alterar o equilíbrio sócio-político nacional. É preciso, antes de tudo, recuperar o bom senso presente nas criações regionais."
(BASTOS, 1986a; 237 - 238)

Os valores regionais e tradicionais da Amazônia são para Leandro Tocantins um meio de impedir que os valores estrangeiros submetam nossa vida e nossa cultura a uma monótona uniformidade, daí porque aponta a necessidade de equilibrarmos o tradicional e o moderno mediante uma conciliação harmoniosa.

"(...) Um processo social que procure harmonizar unidades diversificadas. Um processo que vise a harmonização de aparentes discórdias. Aproximar ou conciliar entidades diversificadas numa reunião coesa. Não se trata assim, de subjugação, nem de uma parte, nem de outra, e sim de coexistência de valores, que deve sempre caracterizar o pluralismo brasileiro." (TOCANTINS, 1969; 51)

Sobrepor os valores europeus e norte-americanos ao conjunto de valores forjados a partir da experiência do homem nos trópicos é negar a diversidade e a possibilidade de civilizações extra-européias como a brasileira, que se desenvolve e se ajusta às condições tropicais. Nessa perspectiva Leandro Tocantins e Gilberto Freyre acreditam que se os valores tradicionais se projetam para o futuro por meio de uma contínua atualização no presente, ou seja, eles trazem em si soluções para a vida moderna nos trópicos. Na verdade a tradição e a modernidade se conciliam numa experimentação contínua em meio aos trópicos.

2. Valorização da Amazônia e Conciliação

A obra de Leandro Tocantins está marcada pelo espírito desenvolvimentista que dominou o país no pós-guerra. Seus trabalhos embora assentados no método genético e ecológico - princípios que norteiam o regionalismo e a lusotropicalologia - estão visivelmente preocupados com a integração da Amazônia na dinâmica da economia e da vida nacional brasileira.

"(...) Eu lembrava os perigos que poderiam resultar para a região, se o país descurasse de sua integração na civilização brasileira (...) Por outras palavras: apressar a criação de uma consciência nacional em torno da Amazônia, como se esta criando em torno do Nordeste. Consciência nacional de que derivarão as ampliações político-administrativas capazes de não só disciplinar as inversões financeiras da união na Amazônia (...) O que justifico é uma paridade, necessária, mesmo, ao equilíbrio político da Nação, para que se eliminem as causas formadoras dos dois brasis do professor Jacques Lambert, que justificadamente conclui que o Brasil é mais um país desigualmente desenvolvido do que subdesenvolvido."
(TOCANTINS, 1972; 18 - 19 - 20)

O argumento de Leandro Tocantins se situa dentro de debate que criou novas condições (econômicas, financeiras, administrativas e técnicas) para o desenvolvimento econômico do Brasil nos anos 1952 - 1953 (ver IANNI, 1991; 126-141). É no âmbito das novas perspectivas ideológicas que a obra de Leandro Tocantins emerge no debate técnico político sobre as possibilidades do desenvolvimento industrial na Amazônia.

Essa adesão de Leandro Tocantins a um projeto de desenvolvimento industrial não deve ser compreendida como uma ruptura com os setores extrativistas tradicionais. É bom lembrarmos que a origem social de Leandro Tocantins está vinculada à oligarquia extrativista, seu pai Van Dyck Amanajás Tocantins foi um dos fundadores da casa aviadora Barbosa & Tocantins, um império comercial, que dominou a praça de Belém e se dissolveu durante a crise econômica da borracha. Na verdade o compromisso e a intenção de Leandro Tocantins é estabelecer um equilíbrio entre as inovações

do projeto industrial (presente) com os valores tradicionais (passado), permitindo, assim, sua continuidade histórico-social em meio às transformações em curso na região amazônica e no Brasil. A conciliação é um meio de operar um ajuste equilibrado entre o passado e o presente a fim de que as transformações se realizem sem rupturas.

“Vamos encontrar na Amazônia símbolos culturais perfeitamente válidos, que podem constituir padrões a serem observados ou a serem mesclados com outros, visando a dar a região um modo de viver ajustável aos fatores mesológicos. Do natural ao social não deve existir nenhuma artifício, ou embaraço que perturbe o equilíbrio, a harmonização, o entrelaçamento.” (TOCANTINS, 1972; 321)

Na ótica de Leandro Tocantins, tal como em Gilberto Freyre, a continuidade histórica dos valores tradicionais é um meio de nos transformamos sem ruptura, isto porque todas as inovações têm como solo histórico a cultura preexistente.

“Qualquer idéia nova só é aceita se houver uma base que torne útil o elemento, na cultura preexistente.” (TOCANTINS, 1982; 167)

As condições pretéritas conciliadas com as emergentes mantêm o equilíbrio de nossa vida social de modo que podemos nos modernizar sem prejuízo de nossa tropicalidade. Dentro desse equilíbrio é que a Amazônia poderia se industrializar sem com isso se uniformizar em uma monotonia cultural, já que na região conseguimos harmonizar unidade e diversidade, tradicional e moderno, passado e presente. Nos trópicos não há subjugação e

uma cultura sobre as outras, e sim uma coexistência de valores que caracteriza o pluralismo equilibrado de nossa cultura (ver TOCANTINS, 1969; 38-52).

“Há um termo brasileiríssimo em voga na linguagem chamada de vanguarda: ‘pra frente’ (...) mas é preciso evitar que esse prafrontismo não resulte no abandono de valores tradicionais luso-indígenas, ou no desdém pelas suas formas primitivas de manifestações. Ao contrário, preservá-los, não só como sinal característico da região - sinal de brasileirismo -, que lhe emprestam personalidade, mas também como fonte de inspiração para artistas, poetas, escritores, arquitetos, paisagista. Por exemplo: as tradições da arquitetura, das artes populares, do folclore, da culinária tão rica, exuberante de fórmulas e ritos, de tempêros e condimentos de sabores agrestemente amazontropicais (...) se tudo isso enriquece e dá colorido peculiar à cultura nacional e constitui força viva para recriação de valores, que seja então preservado, dentro das constantes brasileiras, unindo tradição com modernidade.” (TOCANTINS, 1969; 50-51)

Para Leandro Tocantins a solução proposta para a valorização da Amazônia deve levar em consideração todo o conjunto de valores tradicionais da região, e as novas metas industriais devem interpretá-los como fonte inspiradora da nova situação histórica. A ação desenvolvimentista deve dinamizar a vida econômica local sem prejuízo do conjunto de valores tradicionais resultante da experiência luso-indígena construída ao longo de três séculos.

"Pois bem, se essa nova modalidade de vida regional, ou esse novo desafio não encontrarem caminho conciliatório entre homem e natureza, criar-se-á um tumor social. (...) As atividades de mineração podem construir desertos - desertos físicos e desertos sociais - se deixarem de ser, também, uma categoria reguladora altruisticamente moral, social, lúdica e ecológica."
(TOCANTINS, 1982; 158)

Os planos de valorização da Amazônia marcados pela economia industrial são - na ótica de Leandro Tocantins - uma via para integrar a Amazônia ao complexo político-econômico brasileiro. Porém esse processo não pode se transformar em despersonalização da região, de modo que ela fique subordinada ao absolutismo unitário, homogeneizador.

"Como disse Gilberto Freyre, nada de castelhanizar o Brasil, ou seja, o predomínio de alguma castela - símbolo de tendência para exagerar a unidade em detrimento da diversidade regional. Fato que o próprio sociólogo pernambucano já denunciou como perigo da monotonia cultural ou da excessiva unificação da cultura no continente, que, segundo Gilberto Freyre, provém do industrialismo capitalista norte-americano, largamente dominado pela idéia de que o que é bom para o norte-americano deve ser para os outros povos da América." (TOCANTINS, 1969; 51)

Nessa perspectiva a palavra integração adquire, para Tocantins, um sentido de conciliação, assumindo as dimensões de uma idéia de marcha, de um processo social que procure harmonizar unidades diversificadas. Um processo que visa aproximar ou conciliar entidades diversificadas numa reunião coesa (Ibid). O projeto de valorização da Amazônia assume um caráter conciliador ao propor a coexistência de valores dentro de um

equilíbrio harmonioso entre unidade e diversidade, região e nação e entre o tradicional e o moderno.

3. Planejamento Regional e Conciliação

“O conjunto das atividades governamentais nesses anos (1951-54) revela que o poder público foi levado a criar mais algumas condições infra-estruturas e institucionais para aceleração do desenvolvimento industrial do país. Não só criaram-se órgãos destinados a favorecer o desenvolvimento econômico, mas também realizaram-se estudos técnico-científicos sobre os problemas econômicos brasileiros. Além disso, aprofundou-se o debate técnico e político sobre as perspectivas abertas à expansão da economia nacional. Mas que isso, ampliou-se a discussão a propósito do planejamento econômico e da adoção de políticas econômicas planificadas por parte do governo e dos setores governamentais.” (IANNI, 1991; 126)

É em meio a essa conjuntura que a obra de Leandro Tocantins vem à lume. O cenário armado acima não poderia deixar de marcar sua obra, nesse sentido é que o nacional-desenvolvimentismo adquire uma substância conciliadora entre a nação e a região. O espírito desenvolvimentista que dominou o país no pós-guerra constitui uma chave para compreender a conciliação, entre valores tradicionais ligados ao extrativismo e os planos de industrialização da Amazônia, proposta por Leandro Tocantins.

A reconstrução histórica e sócio-ecológica da região norte é um meio de enfatizar a importância dos valores tradicionais para a vida regional; dessa forma Leandro Tocantins procura demonstrar que a nova modalidade de

vida, a exploração industrial, só é possível mediante uma conciliação com os valores tradicionais.

"A Amazônia, dentro de suas vocações ecológicas, chama a si grande parte dessa missão, na qual mais uma vez, homem e natureza vão procurar habilitações e harmonias capazes de criar novos valores dentro antigas fórmulas." (TOCANTINS, 1982; 165)

Os valores tradicionais personalizam a região em suas manifestações de vida, embora pareçam arcaicos aos espíritos menos dispostos a considerar o novo em suas relações permanentes com o velho, atuam e influem na vida de hoje. Nessa perspectiva é que para Tocantins a nova modalidade de produção se assenta no conjunto de valores tradicionais, que lhe inspiram e possibilitam novas criações.

"A Amazônia participa de um sistema de regiões culturais interdependentes e interrelacionadas. sua contribuição, através dos tempos, à cultura brasileira, e também à universal, nos faz prever o que ela ainda virá a oferecer se a inteligência nacional souber aproveitar as suas potencialidades no campo da natureza física e no campo da criação humana." (TOCANTINS, 1969; 51)

Conciliar os valores tradicionais com a novas modalidades de desenvolvimento é procurar o lugar que cabe a aristocracia extrativa da região Norte no jogo de forças da composição da Nação. Tocantins busca solucionar o problema da decadência do extrativismo, propondo um modelo subsidiado de industrialização planejado pelo Estado a fim de modificar a estrutura

econômica extrativa sem alterar o conjunto das tradições e, talvez o lugar social e político dos “velhos” setores.

“Os constituintes de 1946 compreenderam bem essas razões históricas e políticas, fazendo incluir na carta magna o inciso determinante de um plano federal de valorização econômica da Amazônia, assistido por recursos financeiros provenientes de três por cento da renda tributária do país. Infelizmente, o louvável propósito ainda não alcançou aqueles resultados previsíveis e desejáveis num plano de tal envergadura, embora já se enumerem alguns empreendimentos de importância para a vida regional.”
(TOCANTINS, 1972; 21)

Dessa forma foi dado o primeiro passo para a implantação de uma política de desenvolvimento e integração da Amazônia ao resto do país. No entanto, só em 1953 Getúlio Vargas sancionaria a Lei nº 806 que definia um plano de metas, além de criar a SPVEA (Superintendência do Plano de Valorização da Amazônia), órgão encarregado de executar as metas estabelecidas, elaborar os planos quinquenais, além de dispor também de poderes suficientes para coordenar, a nível nacional, as atividades de todos os órgãos que atuassem na região amazônica (ver **CARDOSO & MÜLLER**, 1978; 111-114).

O planejamento estatal constitui para Tocantins a via para integrar a Amazônia ao Brasil revertendo o subdesenvolvimento da região.

“Para corrigir típica situação de subdesenvolvimento o Governo Federal criou em 1953 a superintendência do plano de valorização econômica da Amazônia (S.P.V.E.A), organismo de natureza política (política no alto sentido do vocábulo) técnica e regional, conforme o classificou o seu primeiro

superintendente, professor Arthur Cézar Ferreira Reis, organismo destinado a incorporar a área amazônica à civilização brasileira, utilizando, para isso, os meios técnicos e científicos capazes de operar as transformações exigidas pelo conceito de viver.” (TOCANTINS, 1982; 155)

Para o autor, as desigualdades regionais são resultado da falta de uma política de planejamento capaz de organizar e disciplinar as inversões financeiras na região. Daí que para ele, tais desigualdades podem ser suplantadas por meio da criação de órgãos especiais para subsidiar, orientar e planejar os investimentos nas regiões problemas; dessa forma se criariam condições para a integração do mercado interno reduzindo-se as desigualdades.

“(...) eu pedia uma política do Governo Federal para a Amazônia, que, como tema nacional, deve aparecer ao lado do tema Nordeste, pois ambas as regiões constituem os dois mais grandes problemas do país.” (TOCANTINS, 1972; 31)

O planejamento para Tocantins é um meio de estabelecer uma paridade entre as regiões, necessária ao equilíbrio político da nação (ver TOCANTINS, 1972; 20).

“Planejamento emerge aqui como uma forma da intervenção do Estado sobre as contradições entre a produção do capital em escala nacional e regional, e que tomam a aparência de conflitos inter-regionais, o planejamento não é, portanto, a presença de um Estado mediador mas, ao contrário, a presença de um Estado capturado ou não pelas forças mais adiantadas da reprodução do capital, para forçar a passagem no rumo de uma homogeneização, ou conforme é comumente descrito pela literatura sobre planejamento regional no rumo da integração

nacional. Nem ainda o planejamento é uma forma neutra dessa presença; ao contrário, ele é no mais das vezes uma forma transformada da própria luta de classes, tanto ao nível das contradições na reprodução global do capital quanto ao nível das contradições entre as formas diferenciadas, regionais, daquela reprodução e as mesmas formas das relações de produção.” (OLIVEIRA, 1987; 29-30)

Na verdade, o aumento das disparidades regionais constitui um momento da integração nacional, isto porque, o que preside o processo de constituição das regiões é o modo de produção capitalista em seu movimento desigual e combinado de apropriação do espaço, organizando-o conforme suas necessidades e seus interesses econômicos. Desse modo o planejamento não supera as diferenças, mas as articula em outro patamar.

Para Leandro Tocantins, é uma via para conciliar os setores tradicionais com os industriais, equilibrando assim a vida regional e nacional.

“Não desejo aqui defender preferências por esta ou por aquela região, de vez que o Brasil é um todo harmônico. O que justifico é uma paridade, necessária, mesmo, ao equilíbrio político da Nação, para que se eliminem as causas formadoras dos dois brasis do Professor Jacques Lambert, que justificadamente conclui que o Brasil é mais um país desigualmente desenvolvido do que subdesenvolvido.” (TOCANTINS, 1972; 20)

O planejamento constitui uma estratégia para superar as desigualdades econômicas regionais, equilibrando politicamente a Nação. Assim a integração Amazônica no complexo político-econômico brasileiro não implica na despersonalização dos valores tradicionais, já que esses são resultado da longa experiência luso-indígena na região. O processo de

industrialização não deve subjugar os valores tradicionais, deve sim coexistir ao lado deles dentro do pluralismo que caracteriza a cultura brasileira, conciliando entidades diversificadas num equilíbrio harmonioso (ver TOCANTINS, 1969; 51).

4. Da SPVEA a Zona Franca

Ao desempenhar a função de assessor de Arthur Cezar Ferreira Reis, primeiro superintendente da SPVEA, Leandro Tocantins busca despertar a Nação para o problema amazônico. Nessa ocasião procura sensibilizar as autoridades públicas para o cumprimento de um programa regional que não se restrinja à distribuição de recursos para a simples manutenção de serviços de rotina ou para execução de obras esparsas. Sua preocupação ia além desses expedientes de rotina, consistia em levar a cabo uma integração econômica, social, política e cultural da Amazônia na vida nacional.

“Os constituintes de 1946 compreenderam bem essas razões históricas e políticas, fazendo incluir na Carta Magna o inciso determinante de um plano federal de valorização econômica na Amazônia, assistindo por recursos financeiros provenientes de três por cento da renda tributária do País. Infelizmente, o louvável propósito ainda não alcançou aqueles resultados previsíveis e desejáveis num Plano de tal envergadura, embora já se enumerem alguns empreendimentos de importância para a vida regional.”
(TOCANTINS, 1972; 21)

Nessa perspectiva o planejamento é instituído como uma política capaz de conduzir à integração econômica, cultural e social da Amazônia ao resto do Brasil. A presença do estado é a garantia da integração amazônica

dentro dos padrões de modernidade e de cultura imposto pelo próprio processo de desenvolvimento da civilização brasileira, assim acreditava Leandro Tocantins.

Através da SPVEA o Estado marca presença na Amazônia e executa um planejamento conforme o caráter intervencionista presente na ideologia desenvolvimentista, buscando corrigir a situação de subdesenvolvimento e integrar em definitivo a região à vida política, cultural e econômica do país.

Em síntese, a criação da SPVEA exprimiu uma conciliação dos vários interesses políticos e econômicos: defesa nacional, nacionalismo econômico, emancipação do país, desenvolvimentismo, intervencionismo estatal, além é claro dos interesses de uma parte das elites extrativas tradicionais que ansiavam pelos incentivos e pelos financiamentos estatais para mudarem os rumos da atividade econômica na região. Leandro Tocantins nota que para tal empresa é necessária a preservação da cultura da Amazônia dentro daquelas constantes que ecologicamente a condicionam ou a caracterizam. Assim é que a integração amazônica no complexo cultural-brasileiro, via planejamento estratégico, jamais importaria numa despersonalização regional a favor de qualquer absolutismo unitário (*Ibid*).

A SPVEA, da qual Leandro Tocantins participou ativamente como assessor de Arthur Cezar Ferreira Reis, primeiro superintendente daquele órgão, foi extinta em meados da década de sessenta e em seu lugar, já sob os

auspício do Regime Militar, foi criada a SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia), um órgão que apresenta reformas substanciais na sua estrutura e nas suas finalidades. Nesse período Leandro Tocantins servia ao Governo do Amazonas na qualidade de seu representante no Rio de Janeiro, o então Governador do Amazonas Sr. Arthur Cezar Ferreira Reis empossado pelo Regime Militar havia-o nomeado para tal função.

Em outubro de 1966, Leandro Tocantins reuniu-se com o engenheiro Arthur Amorim, chefe do gabinete do ministro do planejamento, para tratar da reformulação do Porto Franco de Manaus, que funcionava em um pequeno armazém. Dessa reunião nasceu o projeto Zona Franca que substitui o restrito Porto Franco (ver TOCANTINS, 1972; 357). O que nos chama atenção é que os idealizadores do projeto Zona Franca engenheiro Arthur Amorim e Leandro Tocantins são filhos de proprietários de casas aviadoras de Manaus e Belém, respectivamente, nos tempos da borracha imperialmente dona da economia Amazônica. Isso talvez indique uma continuidade de um velho processo.

Cabe aqui salientar que essa transição de uma economia extrativa para uma planejada a partir da intervenção do estado se realiza mediante a conciliação entre os velhos arranjos societários com os novos agentes que emergem das políticas de valorização da Amazônia. Essa conciliação fica visível quando Leandro Tocantins chega à conclusão que ao se projetar para o futuro o passado se atualiza através do presente.

"As estruturas e atitudes que derivam de relações sociais, econômicas, sócio-ecológicas, psicossociais e culturais são produtos de vários tempos distintos, mas inter-relacionados, Homem e Natureza identificam-se com esses vários tempos e essas várias gerações, para condicionarem, no espaço físico-social amazônico, uma sociedade pluralmente ecológica, coexistindo com esses vários tempos e essas várias gerações. Dai a harmonia qualificada nos mesmos processos de acomodação, em sincretismo com a Natureza, Homem e Tempo - a Santíssima e Amazoníssima Trindade. Como se fossem instrumentos de um trio de cordas: todos em boa afinação, saudavelmente correlacionados e interatuantes" (TOCANTINS, 1982; 171)

Dessa forma podem-se operar as transformações necessárias ao novo tempo econômico sem romper com o passado. A sabedoria reside em conciliar passado, presente e futuro em um equilíbrio harmonioso e sem nos descolarmos de nossas tradições!

CONCLUSÃO

Ao procurar fazer dos conhecimentos antropológicos, sociológicos, históricos e ecológicos a base de uma reinterpretação sistemática das origens brasileiras Gilberto Freyre encaminhou um processo de conciliação entre os setores agrários tradicionais e os novos atores sociais emergentes do desenvolvimento urbano industrial. Nessa interpretação o conflito social é marcado pelo equilíbrio, isto porque nossa cultura resulta da contemporização entre raças, fato que torna o caldo social híbrido, equilibrado e harmonioso. A miscigenação, marca fundamental de nossa civilização, possibilita a convivência pacífica de elementos contraditórios.

Nessa ótica o regionalismo e a lusotropicologia são postos acima de qualquer interesse, isto porque eles estriam assentados no domínio científico e não político, o que os torna neutros. Essa visão da formação histórico-social do Brasil vista em equilíbrio, formulada por Gilberto Freyre, nega qualquer possibilidade de rupturas bruscas, pois nosso passado se atualizaria continuamente por meio do presente, é através dele que projetamos nosso futuro. As transformações não ocorrem aqui por meio de rupturas, as novas forças sociais ou as novas idéias se acomodam à tradição, resultando que o equilíbrio entre os contrários é o modo de ser do povo brasileiro. Aqui as forças sociais não se chocam; na verdade, se ajustam a um tecido social harmonioso derivado do caráter híbrido que desde o início da colonização vem forjando uma nova

civilização nos trópicos.

Ao que tudo indica, os próprios instrumentos analíticos utilizados por Freyre estão comprometido com a conciliação que atravessa seus escritos. Ao por em prática esse conjunto analítico para dar conta da formação socio-ecológica do Norte, Leandro Tocantins realiza um projeto de conciliação entre os setores extrativos tradicionais e as novas forças industriais.

Desde sua participação na SPVEA até sua colaboração na formulação do projeto Zona Franca, é notória a preocupação de Tocantins em instaurar um novo modelo econômico, assentado na indústria, sem descartar o conjunto dos valores tradicionais erigidos pelo extrativismo. Para Tocantins os valores que personalizam a região em suas manifestações de vida, tanto no aspecto material como no espiritual, devem ser mantidos a despeito das transformações econômicas necessárias para integrar a Amazônia à vida política nacional. Acredita, assim como Freyre, que os valores tradicionais podem ser cultivados com o espírito moderno, pois eles guardam uma sabedoria e uma experiência de vida nos trópicos, coisa que os valores modernos não nos podem fornecer, pois são resultados de uma experiência histórica, social e ecológica diferentes. Nessa perspectiva podemos nos transformar sem nos descolarmos de nossa tradição. É através da conciliação entre a tradição e o moderno que a visão do equilíbrio entre contrários se faz notar na obra de Leandro Tocantins.

Tal qual Freyre, Leandro Tocantins se oporá a uma modernização sem critérios que uniformiza as múltiplas expressões culturais do Brasil. Aceita,

sem questionar, a visão freyriana do equilíbrio entre contrários como marca de nossa civilização. Assim é que a integração Amazônica no complexo cultural-brasileiro jamais importaria, para ele, numa despersonalização em favor de uma uniformidade. O caráter híbrido da sociedade brasileira não poderia subsumir frente à monotonia e estandardização dos valores estrangeiros, que deveriam ser assimilados como uma contribuição para a nossa cultura e não como um modelo rígido ao qual deveríamos nos submeter.

Em síntese, a obra de Leandro Tocantins cumpre no extremo Norte um papel semelhante à de Gilberto Freyre no cenário nacional, ou seja, ela concilia o tradicional e o moderno, personificados na região Norte no extrativismo e no modelo econômico de caráter industrial, que emerge através do planejamento estatal.

Gilberto Freyre, e Leandro Tocantins são porta vozes das elites tradicionais, suas interpretações da sociedade brasileira e da formação regional estão comprometidas com a visão de mundo desses atores sociais. Podemos dizer que Gilberto Freyre e Leandro Tocantins são ideólogos das elites tradicionais e suas reconstruções histórico-sociais da formação nacional e regional estão comprometidas com os interesses agrários e extrativistas. Mas a despeito de todas essas limitações ambas as obras nos possibilitam e nos ajudam a compreender de que modo as elites equacionam os problemas nacionais e se inserem em um novo projeto do qual parecem a princípio excluídas.

BIBLIOGRAFIA

1. **ARAÚJO**, Ricardo Benzaquen de. Guerra e Paz: Casa-grande & Senzala e a Obra de Gilberto Freyre nos anos 30. Editora 34, Rio de Janeiro. 1994.
2. **ALCÂNTARA**, Marco-Aurélio de. Gilberto Freyre e a Cultura Hispânica. in: Amado, Gilberto et alii. Gilberto Freyre: Sua Ciência, Sua Filosofia, Sua Arte. José Olympio, Rio de Janeiro. 1962, p. 9 - 21.
3. **ANDRÉ**, M. Corrêa. A Terra e o Homem do Nordeste. 4 ed., Livraria Editora Ciências Humanas, São Paulo, 1980.
4. **AZEVEDO**, Aroldo de. A Obra de Gilberto Freyre Examinada a Luz da Geografia. in: Amado, Gilberto et alii. Gilberto Freyre: Sua Ciência, Sua Filosofia, Sua Arte. José Olympio, Rio de Janeiro. 1962, p. 55 - 63.
5. **AZEVEDO**, Fernando. Gilberto Freyre e a Cultura Brasileira. in: Amado, Gilberto et alii. Gilberto Freyre: Sua Ciência, Sua Filosofia, Sua Arte. José Olympio, Rio de Janeiro. 1962, p. 64 - 73.
6. **AZEVEDO**, Tales de. Gilberto Freyre e a Reinterpretação do Mestiço. in: Amado, Gilberto et alii. Gilberto Freyre: Sua Ciência, Sua Filosofia, Sua Arte. José Olympio, Rio de Janeiro. 1962, p. 74 - 78.
7. **BASTOS**, Élide Rugai. Gilberto Freyre e a Formação da Sociedade Brasileira. Tese de Doutorado, PUC. São Paulo: [Mimeografado]. 1986a.

-
8. _____. Gilberto Freyre e a Questão Nacional. in: Moraes, Reginaldo et alii. Inteligência Brasileira. Brasiliense, São Paulo. 1986b.
 9. **BENCHIMOL**, Samuel. Amazônia: A Guerra na Floresta. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro. 1992.
 10. _____. Grupos Culturais na Formação da Amazônia Brasileira e Tropical. in: Miranda, Maria do Carmo T. de. Brasil Formação Tropical. FUNDAJ/MASSAGANA. Recife. 1989.
 11. **BOSI**, Ecléa. Memória-Sonho e Memória-Trabalho. in: Memória e Sociedade. EDUSP, São Paulo. 1987.
 12. **CÂNDIDO**, Antônio. Gilberto Freyre Crítico Literário. in: Amado, Gilberto et alii. Gilberto Freyre: Sua Ciência, Sua Filosofia, Sua Arte. José Olympio, Rio de Janeiro. 1962, p. 120 - 127.
 13. **CAMPOS**, Renato Carneiro, Gilberto Freyre: Regionalista, Tradicionalista e Modernista. In: AMADO, Gilberto. Et alii. Gilberto Freyre: Sua Ciência, sua filosofia, sua arte. José Olympio. Rio de Janeiro. 1962, p. 112-119.
 14. **COSTA**, j. Cruz. Gilberto Freyre e a Interpretação Filosófica da Realidade Brasileira. in: Amado, Gilberto et alii. Gilberto Freyre: Sua Ciência, Sua Filosofia, Sua Arte. José Olympio, Rio de Janeiro. 1962, p. 189 - 192.
 15. **CARDOSO**, F. H. Müller, Geraldo. Amazônia: Expansão do Capitalismo. 2

-
- ed, Brasileiense, São Paulo. 1978.
16. **CHAMIE, Mário.** Poética do Trópico Anfíbio. in: Miranda, Maria do Carmo T. de. Brasil Formação Tropical. FUNDAJ/EDITORIA MASSAGANA, Recife. 1989. p. 145 - 157.
17. **FERNANDES, Florestan.** Capitalismo Dependente e Classes Sociais na América latina. 2 ed, Zahar, Rio de Janeiro. 1975.
18. **FORBES, D. K.** Uma Visão Crítica da Geografia do Desenvolvimento. Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro. 1989.
19. **FREIRE, Ribamar Bessa (Org.)** A Amazônia Colonial (1616 - 1798). 4 ed, Metro Cúbico, Manaus. 1991.
20. **FONSECA, Edson Nery da.** Gilberto Freyre e o Movimento Regionalista. in: Quintas, Fátima (Org.). Manifesto Regionalista. FUNDAJ/MASSAGANA, RECIFE. 1996.
21. **FREYRE, Gilberto.** Casa-Grande & Senzala. 28 ed, Record, Rio de Janeiro. 1992.
22. _____. Manifesto Regionalista de 1926. Ministério da Educação e Cultura/Departamento de Imprensa Nacional. Rio de Janeiro. 1955.
23. _____. Nordeste. José Olympio, Rio de Janeiro. 1937.
24. _____. Sobrados e Mucambos: Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento Urbano. 7ª ed, José Olympio, Rio de Janeiro. 1985.
-

-
25. _____. Novo Mundo nos Trópicos. Companhia Editora Nacional, São Paulo. 1971.
26. _____. Problemas Brasileiros de Antropologia. 4ª ed, José Olympio/MEC, Rio de Janeiro. 1973.
27. _____. Como e Porque Sou e Não Sou Sociólogo. Editora Universidade de Brasília, Brasília. 1973.
28. _____. Sociologia: Introdução ao Estudo de Seus Princípios. (Primeira e Segunda Parte), José Olympio, Rio de Janeiro, 1945.
29. **FREYRE, Gilberto**. Aspecto de um Século de Transição no Nordeste do Brasil. in: Região e Tradição, José Olympio, Rio de Janeiro. 1941.
30. _____. Oh de Casa! Em Torno da Casa Brasileira e da sua Projeção sobre um Tipo Nacional de Homem. Artenova, Recife. 1979.
31. _____. O Manifesto. in: Quintas, Fátima (Org.). Manifesto Regionalista. FUNDAJ/MASSAGANA, Recife. 1996a.
32. _____. Vinte e Cinco Anos Depois. in: Quintas, Fátima (Org.). Manifesto Regionalista. FUNDAJ/MASSAGANA, Recife. 1996b.
33. _____. Prefácio do autor à 6ª Edição, incorporando o escrito para a 4ª. in: Quintas, Fátima (Org.). Manifesto Regionalista. FUNDAJ/MASSAGANA, Recife. 1996c.
34. _____. Ação Regionalista no Nordeste. in: Quintas, Fátima (Org.). Manifesto Regionalista. FUNDAJ/MASSAGANA, Recife. 1996d.
-

-
35. _____. Regresso à Província. in: Quintas, Fátima (Org.). Manifesto Regionalista. FUNDAJ/MASSAGANA, Recife. 1996e.
36. _____. O Movimento Regionalista, Tradicionalista e, a seu modo, Modernista do Recife. in: Quintas, Fátima (Org.). Manifesto Regionalista. FUNDAJ/MASSAGANA, Recife. 1996.
37. **HOLANDA**, Sérgio, Buarque de. Raízes do Brasil. 26 ed, Companhia das Letras, São Paulo. 1995.
38. **IANNI**, Octávio. O Labirinto Latino-Americano. Vozes, Petrópoles.
39. _____. Desenvolvimento e Capitalismo Nacional. in: Estado e Planejamento Econômico no Brasil. 5 ed, Civilização Brasileira, rio de Janeiro. 1991. p. 117 - 147.
40. **JUNIOR**, Caio Prado. História Econômica do Brasil. 35 ed, Brasiliense, São Paulo. 1987.
41. **JUNIOR**, Manuel Diégues. Gilberto Freyre e os Valores Rurais da Civilização Brasileira. in: Amado, Gilberto et alii. Gilberto Freyre: Sua Ciência, Sua Filosofia, Sua Arte. José Olympio, Rio de Janeiro. 1962, p. 208 - 214.
42. **LEVINE**, Robert. Pernambuco e a Federação Brasileira (1889 - 1937). in: Holanda, Sérgio B. de. (Org.) História da Civilização Brasileira. Tomo III. O Brasil Republicano. 1 volume. DIFEL, São Paulo. 1975. p. 122 - 151.
43. **MOTA**, Carlos Guilherme. Ideologia da Cultura Brasileira (1933 - 1974). 4ª
-

ed, Ática, São Paulo. 1980.

44. **MOTA, Mauro.** Diário: Gilberto e Regionalismo. in: Quintas, Fátima (Org.). Manifesto Regionalista. FUNDAJ/MASSAGANA. Recife. 1996.
45. **MONTEIRO, Mário Ypiranga.** Fundação de Manaus. 4ª ed, Metro Cúbico, Manaus. 1994.
46. **OLIVEIRA, Francisco.** Elegia para uma Re(li)gião. 5ª ed, Paz e Terra, Rio de Janeiro. 1981.
47. **QUINTAS, Fátima (Org.).** Manifesto Regionalista. FUNDAJ/MASSAGANA. Recife. 1996.
48. **REIS, Arthur C.** Tempo e Vida na Amazônia. Governo do Estado do Amazonas, Manaus. 1965.
49. _____ A Amazônia e a Cobiça Internacional. Companhia Editora Nacional, São Paulo. 1978.
50. _____ A Colonização Portuguesa da Amazônia e a Teoria Luso-Tropicológica de Gilberto Freyre. in: Amado, Gilberto et alii. Gilberto Freyre: Sua Ciência, Sua Filosofia, Sua Arte. José Olympio, Rio de Janeiro. 1962, p. 412 - 417.
51. **REALE, Miguel.** A Filosofia da História do Brasil na Obra de Gilberto Freyre. in: Amado, Gilberto et alii. Gilberto Freyre: Sua Ciência, Sua Filosofia, Sua Arte. José Olympio, Rio de Janeiro. 1962, p. 405 - 411.
52. **RODRIGUES, José Honório.** Casa-Grande & Senzala, um caminho novo da historiografia, in: AMADO, Gilberto Et alii. Gilberto Freyre: sua

-
- ciência, sua filosofia, sua arte. José Olympio, Rio de Janeiro. 1962, p. 434-441.
53. **SILVA, M. Corrêa da.** O Paiz do Amazonas. Editora da Universidade do Amazonas. 1996.
54. **SILVEIRA, R. M. Godoy.** O Regionalismo Nordestino. Moderna, São Paulo. 1984.
55. **TOCANTINS, Leandro.** O Rio Comanda a Vida. Companhia Editora Americana, Rio e janeiro. 1972.
56. **TOCANTINS, Leandro.** Amazônia: Natureza e Tempo. Biblioteca do Exército/Civilização Brasileira, Rio de Janeiro. 1982.
57. _____. A Vida Cultura e Ação. Artenova, Rio de Janeiro. 1969.
58. _____. Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido. Governo do Amazonas, Manaus. 1966.
59. _____. Formação Histórica do Acre. 3 ed, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro. 1974.
60. _____. Santa Maria de Belém do Grão Pará. 2ª ed, Civilização Brasileira/MEC. Rio de Janeiro. 1976.